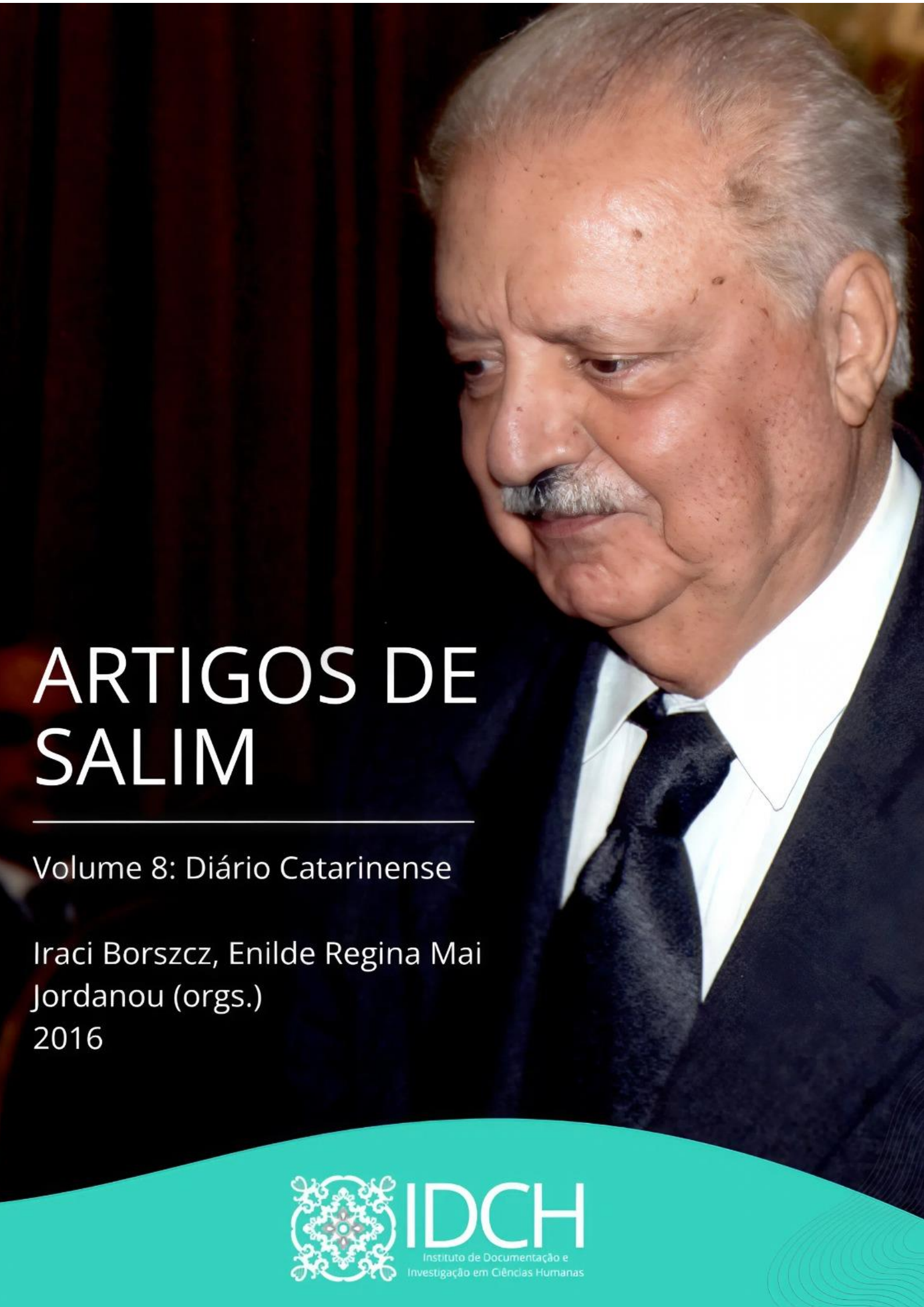


A close-up, slightly low-angle portrait of an older man with grey hair and a mustache, looking down and to the left. He is wearing a dark suit, a white shirt, and a dark tie. The background is dark and out of focus.

ARTIGOS DE SALIM

Volume 8: Diário Catarinense

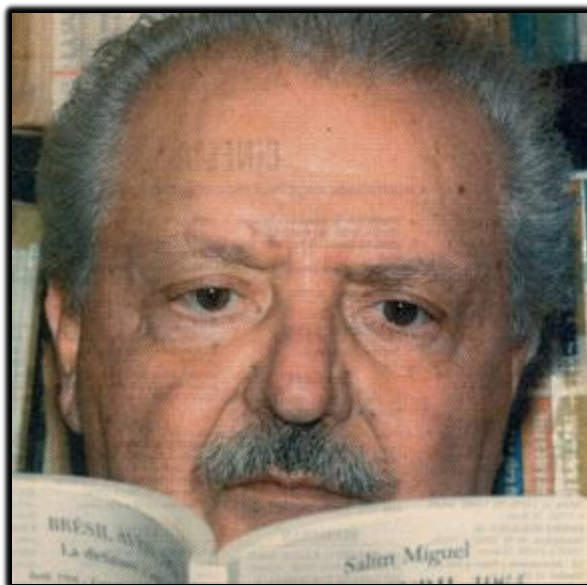
Iraci Borszcz, Enilde Regina Mai
Jordanou (orgs.)
2016



IDCH

Instituto de Documentação e
Investigação em Ciências Humanas

INSTITUTO DE DOCUMENTAÇÃO E INVESTIGAÇÃO EM CIÊNCIAS HUMANAS
ESPAÇO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL



Salim Assina:
reportagens, matérias, entrevistas,
notas e comentários
Volume: 8 – Diário Catarinense

Organização e digitalização: Iraci Borszcz
Enilde Regina Mai Jordanou
Coordenação: Profa. Dra. Maria Teresa Santos Cunha

Florianópolis, 2016

Sumário

001 - Não oiça o Oi	5
002 - Cultura e sensibilidade.....	6
003 - Ricos e famosos.....	7
004 - A Literatura em revista	8
005 - Sobre a exposição do Zé Maria	9
006 - Tragicômico retrato dos filhos de Angola.....	10
007 - Machadinho à mão cheia	11
008 - Carpeaux revisitado	12
009 - O livro procura o seu dono.....	13
010 - Indagações sobre o mundo	14
011 - Nova bibliografia Machadiana.....	15
012 - Não tá certo.....	16
013 - De como não recebi R\$ 22 mil	17
014 - Um encontro na antiga Capital Federal	18
015 - Recordando Jorge Medauar	19
016 – O amigo de todas as horas.....	20
017 - Outra coincidência	21
018 – Coincidências.....	22
019 - Um menino.....	23
020 - O passado presente	24
021 - Aluga-se uma árvore	25
022 – A diaba da diabete.....	26
023 – Pinóquio em nova jogada	27
024 – Quarenta anos depois.....	28
025 - Diálogo (11)	29
026 – Diversidade e Unidade.	30
027 - Seo Maneco da feira	31
028 - Revisitando o mestre: Agostinho da Silva.....	32
029 - O embate do Barão.....	33
030 - Magriela.....	34
031 – Voz de passarinho ferido	35
032 – Viajando sem sair de casa.....	36
033 – Diálogo – 1.....	37
034 – Na sala escura.....	38

035 – Uma plantação de lagartos	39
036 – Livros em chamas	40
Índice por ano	41

MIGUEL, Salim. Não oiça o Oi. *Diário Catarinense*. 30 dez. de 2009

Não oiça o Oi

SALIM MIGUEL *

Logo justifico o título. Relutei em narrar o fato, pois não gosto (e quem gosta?) de bancar o “tanso”. Nos últimos tempos, temos sido abarrotados de mensagens oferecendo vantagens imperdíveis, sempre recusei a acreditar nelas e agora nos chegam pela TV, por e-mails, telefone, cartas. Telefone é mais complicado. Na maioria das vezes, logo nas primeiras palavras, já digo que não estou interessado e desligo, mas há um dia em nossa vida em que estamos desprevenidos e, num desses dias, me deixei levar. A voz começa dizendo que se a BrasilTelecom era boa, agora, incorporada à Oi, passou a ser muito melhor, e continuou dizendo que tinha uma oferta. Em lugar de desligar, fui logo respondendo que não estava interessado, mas a voz prosseguiu: “não custa me ouvir, tenho certeza que, no final, vai ver que é de seu interesse, não apenas o serviço está melhor mas também as condições: em lugar de pagar x por mês, pagará x-y. No mês que não gastar todos os minutos eles ficarão acumulados para o seguinte; além disso, receberá grátis dois celulares. Só

ai retruei que não preciso e nem utilizo celulares. A resposta foi incisiva: mas pode passá-los para alguém de sua família. Tapei o bocal do telefone, chamei a Eglê. Ela me disse que parecia interessante.

No primeiro mês, a conta veio maior e os dois celulares, um com taxa de R\$ 52, e de R\$ 9, o outro. No segundo mês, passei dez dias fora e ainda assim a conta veio maior que a anterior, e continuaram cobrando os celulares. Telefonei reclamando, fica-se grudado ao telefone ouvindo sons e vozes mecânicas até que alguém nos diga que o assunto não é com ele, outra meia hora até que alguém nos diga que o contrato não pode ser rompido a não ser que seja paga a multa estipulada e que o celular é inteiramente grátis, e devem ter me explicado que havia uma taxa. Não explicaram e, com a taxa, no fim, daria para comprar meia dúzia deles. Viajei outros dez dias e, de novo, ao receber a conta, paguei. Meu leitor já tem justificado o título, e se ele é de meia idade ou jovem e não aceita o “oiça”, hoje em desuso, ponha um “ouça” no lugar e não entre na fria em que, ingenuamente, entrei.

* Escritor, jornalista

Artigos >

Cultura e sensibilidade

SALIM MIGUEL *

Inicio por um “mea culpa”: muito embora tivesse passado várias vezes por perto, jamais havia entrado no novo prédio da Câmara dos Vereadores, e, ao contrário do expresso na crônica de um amigo meu, fiquei admirado com a extrema simplicidade de tudo o que vi: não havia mármore de Carrara, lustres de cristais da Boêmia, tapetes de Lurçat nem corrimões de ouro maciço.

Éramos trinta colegas de todas as categorias culturais e levávamos um documento colhido às pressas em um sábado e domingo, com mais de duzentas assinaturas, que atestava sermos contra a transformação da Fundação Franklin Cascaes em subordinada da Secretaria de Turismo.

Queríamos não só entregar o documento como expor nossa posição a todos. A Fundação foi criada por lei, regulamentada, sancionada e é uma referência nacional. Saímos então em busca dos demais vereadores, mas antes de chegar até eles, fomos chamados para conversar com o secretário de Turismo, que nos

fez uma longa explanação tentando provar que, ao contrário do que imaginávamos, a Fundação sairia fortalecida. Surpresa: não sabíamos que tipo de fortalecimento podia ser esse, já que um órgão independente, criado por lei, passaria a ser um apêndice de outro órgão. Todos sabem que turismo e esporte, em nosso país, têm mais apelo do que cultura, e se a tal de cultura custa a captar minguados recursos, imagine se esses minguados recursos forem desviados para projetos de turismo. Um diálogo entre surdos se prolongou até o secretário afirmar que conversaria com o prefeito. Mas sabíamos que era tarde demais, a sessão já ia começar. Os nossos argumentos de nada valeram, e o projeto do governo teve 14 votos contra dois.

Agora a decisão está na Justiça, e os que se preocupam e sabem da importância do tripé básico educação, cultura e saúde para um país torcem para que a Justiça tenha a sensibilidade que faltou e falta aos vereadores e ao prefeito de Florianópolis.

* *Escritor*

MIGUEL, Salim. Ricos e famosos. *Diário Catarinense*. 26 fev.2009

Artigos >

Ricos e famosos



SALIM MIGUEL *

O governador do Estado e o prefeito da Capital sonham transformar a Ilha em um paraíso turístico para ricos e famosos. Primeira anotação: o Abadía (lembra-se?) tinha suntuosa mansão na Jurerê Internacional, recepcionava parcela da alta-rodada, era rico e famoso... Segunda: turismo razoável, não sazonal, deve respeitar os habitantes da terra, ser para todos, com opções de lazer e cultura. Um argentino me dizia "Se chove o único refúgio da gente é o shopping". Terceira: esgotos poluem as águas, inexitem na orla sanitários e chuveiros, a violência campeia, o meio-ambiente é agredido, não há policiamento, etc, etc.

Vai para 30 anos tenho casa em praia do norte da Ilha e não contamos com um único ponto de táxi para uma emergência. No entanto fomos "beneficiados" com uma boate para ricos e famosos. Consequências: carros

entupindo as ruas, as calçadas, som nas alturas, arruaças além de outros episódios impublicáveis. A comunidade fez um abaixo-assinado, os poderes competentes fecharam a boate, porém outros talvez mais competentes liberaram-na, ou não.

Sábado, 21 de fevereiro, meu filho saía de casa, quando viu um carro bater de frente na mureta de um terreno baldio e dar marcha-ré acabando com o portão da nossa casa. O motorista saiu do carro babando e todo mijado engrolou: "vejo que o senhor é um homem rico e eu também, vim conhecer Floripa". Pareceu que ia vomitar ou desmaiar, acrescentou: "fiz um estrago não é?" Meu filho foi monossilábico "é", o homem retrucou "o prejuízo foi grande?" Antes que meu filho respondesse o rico ligou o motor e saiu em ziguezague. Rico ele disse que era. Seria também um dos famosos?

* *Escritor*

MIGUEL, Salim. A Literatura em revista. **Diário Catarinense**. 02 ago.2008

[illegible]

MIGUEL, Salim. Sobre a exposição do Zé Maria. *Diário Catarinense*. n. 293, 20 set. de 2008, Cultura.

Cultura

DIÁRIO CATARINENSE

40

O portunhol selvagem de Douglas Diegues

Páginas 2 e 3

SÁBADO, 20 DE SETEMBRO DE 2008 - Nº 293

Sobre a exposição do Zé Maria

Pintor carioca radicado na Capital exibe as telas da mostra *O Cinza e a Cor*, a partir de terça, na reitoria da UFSC, dentro da Semana Ousada

POR SALIM MIGUEL*

Os florianopolitanos poderão admirar, a partir de terça-feira, no hall da reitoria da Universidade Federal de Santa Catarina, promoção DAC-UFSC, a exposição de um importante pintor contemporâneo brasileiro: José Maria Dias da Cruz, ou, para os amigos, Zé Maria, que tem um fato insolito a ligá-lo à então bela e pacata cidadezinha dos anos 1940.

Há exatos 60 anos acontecia, no pátio coberto do Grupo Escolar Dias Velho – Rua Saldanha Maranhão, esquina com Victor Meirelles –, a abertura da exposição de Arte Contemporânea trazida por Marques Rebelo, graças a contato dele e de Flávio de Aquino com o secretário de Educação do Estado, Armando Simone Pereira, e o imprescindível apoio da “turma da revista *Sif*” (in carta de Rebelo a Aníbal Nunes Pires). Antes da abertura, devido à divulgação pela imprensa, já a cidade se dividia entre os que abominavam “aquelas coisas” e os que adoravam aquelas mesmas coisas, embora ambos os grupos só tivessem visto reproduções. A exposição só fez ampliar a polêmica, que se tornou mais acirrada com as três palestras de Rebelo, misto de erudição e irreverência, no próprio local, e que durante dias foram motivo de bate-boca nas ruas da Capital catarinense.

Marques Rebelo já havia realizado exposições semelhantes em Resende (RJ), Cataguases (MG) e Buenos Aires, sempre com sucesso. Não foi diferente em Florianópolis.

Marques Rebelo, o fundador do Masc

Não demora ele, mais para baixo, magro, elétrico, conversador, estava frequentando o Café Rio Branco, o Poema Bar, o Minamar, o Restaurante Pérola, e, principalmente, os bancos da fileira da Praça XV.

Pela primeira vez, podíamos ver, entre outros, originais de Portinari, Di Cavalcanti, Pancetti, Djanira, Iberê Camargo, além de reproduções de pintores de vários países, e, “fato insolito”, trabalhos de dois rapazolas na faixa dos 10 anos, o parisiense-florianopolitano Rodrigo de Haro e o carioca José Maria Dias da Cruz. Em Florianópolis, uma das primeiras visitas de Rebelo foi a Martinho de Haro, por ele considerado um dos mais importantes pintores modernos brasileiros; na ocasião, se deparou com desenhos do Rodrigo e resolveu expô-los ao lado dos de Zé Maria. Na exposição similar em Belo Horizonte, lá estavam de novo os dois.

José Maria Dias da Cruz, pintor e professor de pintura, no ateliê em Florianópolis

Resultado direto da exposição, foi criado o Museu de Arte Moderna de Florianópolis, com um pequeno acervo, logo acrescido de trabalhos de pintores paulistas doados pelo governador Ademar de Barros. Em 1949, o museu foi oficializado por decreto do governador Aderbal Ramos da Silva, e nos anos 1960 se transformou no Masc, hoje com um considerável acervo. Marques Rebelo sempre incentivou o crescimento do museu.

O autor de *A Estrela Sobre*, morto antes de completar 70 anos, sem ver concluído seu ambicioso projeto do romance cíclico *O Espelho Partido*, do qual apenas três dos sete volumes previstos foram publicados, não teve, também, como ver a trajetória ascendente e a importância que, hoje, Zé Maria tem para a nossa pintura.

Tenho, de José Maria Dias da Cruz, um quadro dos anos 1960, ele já um artista maduro. Eterno insatisfeito, passou por várias fases. A exposição atual é quase toda ela constituída de quadros pintados na tumultuada Florianópolis de hoje. Ao falarmos de José Maria, não podemos esquecer o professor renomado que durante anos ensinou os segredos da pintura no Parque Lage (RJ). Pesquisador e estudioso, se detém sobre a vida e obra de grandes pintores, como, por exemplo, Cézanne.

Encerro com algo que já deveria ter explicitado: José Maria Dias da Cruz é filho de Edy Dias da Cruz. Alguém deve se perguntar ou me perguntar, e daí? É que Edy Dias da Cruz é nada mais nada menos do que Marques Rebelo, a quem devemos a criação do Masc e o encontro, pela primeira vez, com os mais importantes pintores brasileiros.

* Escritor, autor de, entre outros livros, de *Nur na Escuridão* (nova edição) e *Jornada com Rupert* (romance inédito), que serão lançados, no final de outubro, pela Editora Record

MIGUEL, Salim. Tragicômico retrato dos filhos de Angola. **Diário Catarinense**. n. 301, 15 nov. de 2008.



MIGUEL, Salim. Machado à mão cheia. Diário Catarinense. 6 dez.2008. Cultura.

DIÁRIO CATARINENSE

Cultura

Machado à mão cheia

Centenário da morte do Bruxo do Cosme Velho suscitou uma série de (ótimos) lançamentos editoriais no Brasil

POR SALIM MIGUEL

Sem dúvida este 2008 é o Ano Machado de Assis, embora o mestre esteja cada vez mais presente em todos os anos. De um extremo a outro do país, nas mais diferentes instituições culturais, também em todos os meios de comunicação, não se passa dia sem que se ouça falar no Bruxo do Cosme Velho. Isto é bom, muito bom, pois com o correr dos anos, a cada dia sua obra se torna mais viva e mais presente, e também ele, com seus mistérios e suas bruxarias. Por isso, parece justo aproximação do título, *parodiando* Castro Alves: "livros, livros à mão cheia".

O que temos hoje, através das fotos, é aquela figura sempre muito bem postada, muito séria, hierática, como se ninguém devesse se lembrar do jovem que adorava frequentar teatros, concertos, se encontrava com as atrizes, gostava de se reunir com amigos em bares, cafés — tinha até um lugar cativo na confeitaria Colombo, e pertencida à Sociedade Petalógica, da qual chegou a ser secretário, cada qual dos associados tendo que contar uma peta maior do que a outra. Foi também assíduo frequentador do clube de xadrez, não chegando a ser um mestre, mas um jogador raiável. Este Machado jovem permanece obscurecido, quem sabe por manhas do próprio Machado, que gostava mais de ser reconhecido como funcionário público em ascensão e o autor da segunda fase de sua obra, que se inicia com *Memórias Póstumas de Brás Cubas*.

Machado de Assis, embora sua influência decisiva na literatura brasileira, sem dúvida o nome mais importante de toda a nossa literatura, não deixou "filhotes". Talvez o único romancista que se lhe aproxime de uma forma mais direta seja o mineiro Gino dos Anjos, com o romance *O amanuense Beltrão*.

Machado de Assis, que começa a ser reconhecido no exterior como um dos nomes mais representativos da literatura do século 19, não seria o que é e se tivesse ficado na chamada "primeira fase", se bem que nela já se encontra,

em embrião, o Machado de Assis da segunda fase.

Excelente contista, excelente romancista, excelente cronista, excelente crítico, foi também poeta e teatrólogo, sendo esta última talvez a menos realizada de sua criação literária.

Mulato, gago, epilético, sofrendo ainda de outras doenças, de família humilde, começou cedo a se preocupar com as letras, ao trabalhar numa gráfica com Manuel Antonio de Almeida, autor de *Memórias de um Sargento de Milícias*. Não parou mais. Logo estava escrevendo para jornais e revistas, com o próprio nome ou com

quase uma vineta de pseudônimos, dominando o francês e o inglês, interessando-se não apenas por criação literária, mas por todos os ramos da cultura, conforme pode se ver do que resta do acervo de sua biblioteca. Ele preferia que sua vida pessoal fosse

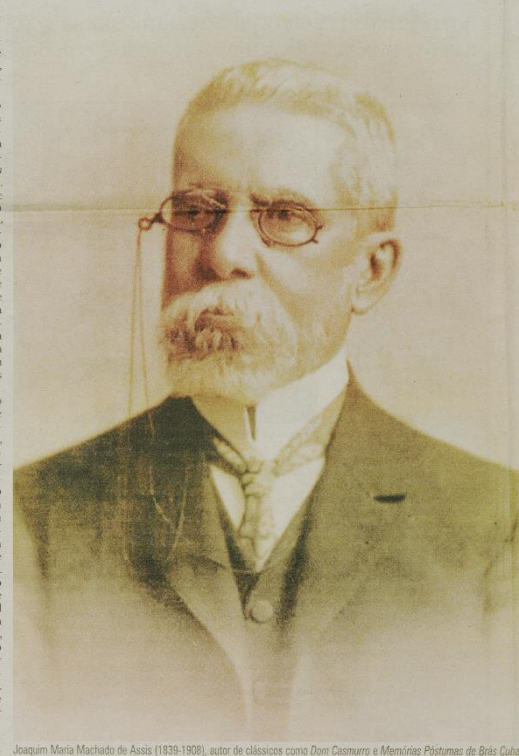
resguardada. Ao se casar com Carolina passou a apreciar mais a vida doméstica: sua virgem mais longa foi uma estada em Nova Friburgo buscando a cura de uma afecção ocular e lá ditou para a mulher os primeiros capítulos de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*.

Um mistério, até hoje não de todo decifrado, foi a visita de um jovem de seus 18 anos ao leito de morte do mestre: sem se identificar, pediu licença, aproximou-se do moribundo, tomou-lhe as mãos, beijou-as e saiu sem dizer palavra. Logo após o falecimento, Euclides da Cunha publicou, no *Jornal do Comércio*, do Rio, uma emocionada crônica, onde diz que aquele jovem representava toda a população brasileira. Um colega de redação declararia que Euclides estava tão abalado que levou três horas para redigir a crônica.

Durante anos, não se ficou sabendo quem era aquele jovem; foi só quase trinta anos depois que Lúcia Miguel Pereira desvendou o mistério, embora ainda se pergunte em que se baseou, afirmando que se tratava de Astorjildo Pereira (1890 — 1965), que viria a ser um dos fundadores do Partido Comunista, jornalista, ensaísta e crítico.

Astorjildo deve ter lido a matéria de Lúcia, sem jamais confirmar ou negar que tivesse sido ele o tal jovem.

Este ano do centenário de Machado de Assis, mais do que nos antio-



Joaquim Maria Machado de Assis (1839-1908), autor de clássicos como *Dom Casmurro* e *Memórias Póstumas de Brás Cubas*

res, proliferam os livros de ou sobre o escritor. São reedições de suas obras, volumes temáticos de contos, edições críticas e várias recolhas em que escritores tentam rescrever textos do mestre. Isso começou há alguns anos, quando escritores de nomeada reescreveram *Missão da galo*, nenhum deles chegando à perfeição do mestre, o que parece impossível ou mesmo desnecessário, pois se temos a *Missão da galo* de Machado, para que outras, se tudo o que poderia ser dito está dito naquele conto, um dos mais perfeitos, senão o mais perfeito de nossa literatura, com sensualismo profundo, sem que nenhuma palavra mais forte seja necessária para criar o clima.

Vamos nos limitar aqui a falar de apenas quatro livros publicados neste ano: a nova edição, agora em quatro volumosos volumes, da *Obra Completa*; a reedição de *Machado de Assis, ensaios e apontamentos avulsos*, de Astorjildo Pereira; o *Almanaque Machado de Assis*, por Luiz Antonio Aguiar; e o *Dicionário de Machado de Assis*, por Ubiratan Machado.

A edição da Nova Aguilar da *Obra Completa* (as anteriores eram em três volumes) acaba não sendo tão completa assim, pois Machado escreveu ininterruptamente até as vésperas de sua morte, não apenas com seu próprio nome, mas também com quase 20 pseudônimos, se dando ao luxo de começar um texto com um pseudônimo e terminá-lo com outro. Devem existir ainda, em velhos jornais e revistas, textos não descobertos ou identificados, ou jornais e revistas da época, com textos de Machado, podem ter simplesmente desaparecido. Esta nova edição conta com o apoio da Academia Brasileira de Letras, e deve fazer o deleite dos "machadolófilos".

Mais do que oportuna a reedição, pela Fundação Astorjildo Pereira, com apoio da ABL, de Machado Assis, ensaios e apontamentos avulsos, importante contribuição para o maior conhecimento da obra machadiana, onde figura o ensaio *Romancista do Segundo Reinado*, valioso aporte para uma faceta pouco citada de Machado: o romancista preocupado com problemas sociais. O volume é enriquecido com um DVD, que reconstitui os últimos momentos da vida de Machado e é lida a crônica de Euclides da Cunha.

Almanaque Machado de Assis, de Luiz Antonio Aguiar, é um verdadeiro almanaque, idêntico àquelas que laboratórios farmacêuticos costumavam distribuir. Temos aqui um pouco de tudo que se refere a Machado, desde relação de personagens, título dos livros, trechos que o autor do livro considera mais representativos, pseudônimos, o Machado de Assis boêmio da primeira fase, e o Machado de Assis preocupado com a ascensão social como funcionário público, entre tantos outros itens. Há um pequeno erro que o autor poderia corrigir numa segunda edição: Domicio Proença Filho aparece, mais de uma vez, como Domicio Cavalcante Proença.



Ubiratan Machado é hoje, sem qualquer dúvida, o mais importante pesquisador e estudioso da obra do Bruxo; não satisfeito em percorrer todo o Brasil, tem visitado por conta própria outros países, resgatando tudo o que existe a respeito de Machado.



Bastariam seus dois livros anteriores, *Bibliografia Machadiana* 1959-2003, onde retoma a pesquisa a partir do momento em que é interrompida por I. Galante de Souza, em 1958; e *Machado de Assis, roteiro da consagração*, curiosíssima pesquisa em que Ubiratan resolve tudo que se escreveu a respeito dos livros de Machado, a começar do primeiro, transcendendo artigos de autores que só permaneceram porque escreveram a respeito do Bruxo do Cosme Velho. Claro que existem alguns como José Veríssimo e Silvio Romero, que vivem para além dos artigos sobre Machado, sendo Romero seu crítico mais virulento. Com o *Dicionário de Machado de Assis*, publicado pela editora da ABL, Ubiratan supera o que nos



ofereceu antes, e é, por certo, a mais importante contribuição de tudo que se publicou no decorrer deste ano. É um livro obrigatório como referência, com 2 mil verbetes, abrangendo a trajetória de vida e obra do escritor, com fatos até então desconhecidos; volume ilustrado com cerca de quinhentas fotografias, todas elas da biblioteca do próprio Ubiratan Machado. Infelizmente, esta informação não se encontra em nenhuma parte do volume.

* Escritor, autor de, entre outros livros, do recém-lançado *Jornais em Ruínas* (Editora Record)

DIÁRIO CATARINENSE

Carpeaux revisitado

Recordações do imigrante austríaco que se tornou um dos maiores críticos literários brasileiros do século 20

POR SALIM MIGUEL*

Reder Otto Maria Carpeaux é sempre (ou quase) uma nova descoberta, pois ficamos imaginando o motivo pelo qual não nos demos conta de algumas informações, reflexões, nomes, que lá estavam no texto, mas os artigos de Carpeaux eram tão cheios de dados, que, mesmo prestando a maior atenção, a gente não tinha como, por vezes, não se perder. Verdadeira enciclopédia, ele discorria com igual pertinência a respeito de um Shakespeare ou um Aristóteles, um Da Vinci ou um Bach, bem como de autores de sua época, um Kafka, que ele chegou a conhecer em Viena, e sobre quem foi o primeiro a escrever no Brasil, ou um Joyce, dizendo que o romance se dividia em dois momentos, antes e depois de *Ulisses*.

O judeu austríaco Carpeaux chegou ao Brasil em setembro de 1939, fugido do nazismo e da guerra, sem saber uma única palavra de português, ao contrário de outro refugiado, o húngaro Paulo Rónai, que aprendeu em sua terra o "português brasileiro", conforme dizia, conhecendo algo de nossa literatura. A ambos a cultura brasileira muito deve. Em 1941, Carpeaux já dominava o nosso idioma e estava colaborando no *Correio da Manhã*, e, em 1942, aparecia seu primeiro livro, *A Cinza do Purgatório*, publicado pela Editora da Casa do Estudante do Brasil (CEB), onde ele reteve alguns dos textos que haviam aparecido naquele jornal, sobre Jacobsen, Milton, Conrad, Goethe, Dostoiévski, entre outros. Irreverente e contestador, num dos artigos, intitulado *O admirável Thomas Mann*, não considera tão admirável o autor de *A Montanha Mágica* e começa fazendo restrições ao primeiro livro publicado por Mann, *Os Buddenbrooks*, afirmando que o escritor se realiza melhor em seus textos curtos, como *Tomo Kroeger* e *Morte em Veneza*, repetindo três ou quatro vezes a observação: "...é o maior entre os escritores de segunda ordem...".

Em 1943 publica, pela mesma editora, o livro *Origens e Fins*, e já se atreve a incluir textos sobre autores brasileiros, ali estão, entre outros, Drum-

mond, Graciliano, Álvaro Lins. Não mais parou, e discorria tanto a respeito de nomes do passado, Machado de Assis ou Euclides da Cunha quanto de principiantes, José J. Veiga e Ricardo Ramos. Em muitos dos seus artigos, Carpeaux se utilizava de uma espécie de artifício: parecia falar de um autor, mas o texto todo tinha menos de 10 linhas sobre este, tecendo reflexões paralelas. Um bom exemplo é o artigo sobre o romance *João Aluísio*, de João Felício dos Santos, que aborda Canu-



Otto Maria Carpeaux (1900-1978)

dos, no qual Carpeaux bem pouco se detém, e só na última frase ficamos sabendo, não o que contém o romance, mas o que dele pensa Carpeaux: "O desfecho, a imagem dos urubus que espia o campo da morte, é uma das grandes páginas da literatura brasileira". (In *Contos como Romance Histórico*, no livro *Otto Maria Carpeaux: Ensaios Reunidos* - 1946-1971, Editora Topbooks, RJ, 2005).

Trabalhador e leitor infatigável, Carpeaux deixou, em diversos jornais, cerca de 1,5 mil substanciais artigos, alguns reunidos durante sua vida em volumes, contendo os que eram, a seu ver, mais representativos; outra boa parte está agora neste *Otto Maria Carpeaux: Ensaios Reunidos* (1946-1971). Certamente, muitos ainda existem perdidos nos órgãos onde ele colaborou. O projeto de Carpeaux era bem mais ambicioso, para marcar seu nome na cultura brasileira, bastaria a

monumental *História da Literatura Ocidental*, em oito volumes, e *Uma Nova História da Música*, além da sua participação essencial, com Antônio Houaiss, na organização do dicionário enciclopédico *Delta Larousse e a Enciclopédia Minador*.

Não me posso furtar a um depoimento pessoal. Fui conhecer os artigos de Carpeaux pouco depois de minha mudança para Florianópolis, em 1943. Na livraria Anita Garibaldi, vendiamos seus livros, como os dois publicados pela CEB, *Retratos e Leituras*, de 1953, publicado pela Organização Simões; *Livros na Mesa: Estudos de Crítica*, de 1960, pela Livraria São José, entre outros.

Em 1952, pelo Serviço de Documentação do Ministério de Educação e Saúde, aparece seu trabalho pioneiro: *Pequena Bibliografia Crítica da Literatura Brasileira*, que me chegou com uma curiosa dedicatória: "Para Salim Miguel, embora não o conheça pessoalmente, sendo bastante a recomendação por tão precioso amigo como é Pedro Taulois. Uma lembrança do Otto Maria Carpeaux. Rio, agosto de 1952". Respondi logo, agradecendo e tecendo algumas considerações sobre o livro. Em 1955, aparece a segunda edição do mesmo, revisto e ampliado, dedicado a Pedro Taulois. Antes disso, em 1953, numa ida ao Rio, conheci Carpeaux e não mais perdemos contato. Nas minhas frequentes idas ao Rio, com o Taulois ou no *Correio da Manhã* (onde Carpeaux era redator), com o romancista José Conde, eu fazia questão de conversar com ele. Também o encontrei na redação do suplemento *Letras e Artes*, dirigido pelo jornalista, advogado, médico e político catarinense Jorge Lacerda. Foi a partir de meu exílio no Rio, depois do golpe militar, que mantivemos maior contato, pois Eglê Malheiros e eu colaboramos na *Enciclopédia Delta Larousse*, ela traduzindo verbetes do francês e eu redigindo verbetes sobre autores brasileiros.

Todas estas memórias se devem à leitura/releitura que faço da cerca de 900 compactas páginas do livro *Otto Maria Carpeaux: Ensaios Reunidos* (1946-1971). Ali me reencontrei com artigos que havia lido nos jornais e outros, dos quais só agora tomo co-

A lista de Otto

- 1) Orgulho e Preconceito - Jane Austen
- 2) A Prima Bette - Honoré de Balzac
- 3) O Pai Goriot - Honoré de Balzac
- 4) As Flores do Mal - Charles Baudelaire
- 5) Os Doze - Alexandre Blok
- 6) A Vida é Sonho - Pedro Calderón
- 7) Rimas - Luís de Camões
- 8) Dom Quixote - Miguel Cervantes
- 9) Novelas Exemplares - Miguel Cervantes
- 10) Contos de Canterbury - Geoffrey Chaucer
- 11) Poesias - Samuel T. Coleridge
- 12) Uma Oportunidade - Joseph Conrad
- 13) Coração das Trevas - Joseph Conrad
- 14) Divina Comédia - Dante Alighieri
- 15) Casa Soturna - Charles Dickens
- 16) Poesias - John Donne
- 17) Crime e Castigo - Fedor Dostoiévski
- 18) O Idiota - Fedor Dostoiévski
- 19) Os Irmãos Karamazov - Fedor Dostoiévski
- 20) Os Possessos - Fedor Dostoiévski
- 21) Orestia - Esquilo
- 22) Tom Jones - Henry Fielding
- 23) Madame Bovary - Gustave Flaubert
- 24) Fausto - Johann Wolfgang Goethe
- 25) Poesias Completas - Johann Wolfgang Goethe
- 26) Almas Mortas - Nikolai Gogol
- 27) O Inspetor Geral - Nikolai Gogol
- 28) Oblomov - Ivan Gontcharov
- 29) Tess de la D'Urbervilles - Thomas Hardy
- 30) A Letra Escarlate - Nathaniel Hawthorne
- 31) Poesias - Friedrich Hölderlin
- 32) Ilíada - Homero
- 33) Odisseia - Homero
- 34) Odes - Quinto Horácio
- 35) Brand - Henrik Ibsen
- 36) O Pato Selvagem - Henrik Ibsen
- 37) Peer Gynt - Henrik Ibsen
- 38) Niels Lyhne - Jens Peter Jacobsen
- 39) Os Embaixadores - Henry James
- 40) Ulisses - James Joyce
- 41) O Processo - Franz Kafka
- 42) Poesias - John Keats
- 43) Fábulas - Jean de La Fontaine
- 44) Cantos - Giacomo Leopardi
- 45) Oribinhos Morais - Giacomo Leopardi
- 46) Mandrágora - Niccolò Machiavelli
- 47) Os Noivos - Alessandro Manzoni
- 48) Poesias Líricas - John Milton
- 49) Misanthropo - Jean Baptiste Molière
- 50) Tartufo - Jean Baptiste Molière
- 51) Ensaios - Michel de Montaigne
- 52) Pensamentos - Blaise Pascal
- 53) Fortunata e Jacinta - Benito Pérez Galdós
- 54) Poesias - Fernando Pessoa
- 55) O Banquete - Platão
- 56) Em Busca do Tempo Perdido - Marcel Proust
- 57) Eugênio Onegin - Alexandre Puchkin
- 58) Andrômaca - Jean Racine
- 59) Atalia - Jean Racine
- 60) Britânico - Jean Racine
- 61) Fedra - Jean Racine
- 62) Elegias de Duino - Rainer Maria Rilke
- 63) Novos Poemas - Rainer Maria Rilke
- 64) As Iluminações - Arthur Rimbaud
- 65) A Celestina - Fernando de Rojas
- 66) Memórias - Duc de Saint-Simon
- 67) Antônio e Cleopatra - William Shakespeare
- 68) Como Quiserdes - William Shakespeare
- 69) Conto de Inverno - William Shakespeare
- 70) Hamlet - William Shakespeare
- 71) Henrique IV - William Shakespeare
- 72) Macbeth - William Shakespeare
- 73) Medida por Medida - William Shakespeare
- 74) O Mercador de Veneza - William Shakespeare
- 75) Noite dos Reis - William Shakespeare
- 76) Otelo - William Shakespeare
- 77) Rei Lear - William Shakespeare
- 78) Romeu e Julieta - William Shakespeare
- 79) Sonho de Uma Noite de Verão - William Shakespeare
- 80) A Tempestade - William Shakespeare
- 81) Antigone - Sófocles
- 82) Rei Édipo - Sófocles
- 83) A Cartula de Parma - Henri Beyle Stendhal
- 84) Senhorita Júlia - August Strindberg
- 85) Para Damasco - August Strindberg
- 86) Viagens de Gulliver - Jonathan Swift
- 87) Anais - Cornélio Tácito
- 88) Contos Sem Coloridos - Tchekov
- 89) Ana Karenina - Lev Tolstói
- 90) Guerra e Paz - Lev Tolstói
- 91) Morte de Ivan Ilitch - Lev Tolstói
- 92) História da Guerra Polonêsia - Tucídides
- 93) Os Encantos - Paul Valéry
- 94) Os Malavoglia - Giovanni Verga
- 95) O Grande Testamento - François Villon
- 96) Geórgicas - Publio Virgílio
- 97) Cântico - E. M. Aronnet de Voltaire
- 98) Poesias - William Butler Yeats
- 99) Germinal - Emile Zola
- 100) Machado de Assis

nhecimento. Organizado por Christine Ajuz, o livro é um exemplo modelar de pesquisa e fico imaginando o trabalho que ela teve, recorrendo não apenas a arquivos de jornais desaparecidos, mas também à Biblioteca Nacional e à Biblioteca da Academia Brasileira de Letras. Não posso imaginar qual o critério de Carpeaux na organização de seus livros publicados em vida, pois no atual volume estão mais de 200 trabalhos que permanecem atuais e revelam o domínio que o autor tinha da literatura, não de um outro país, mas de praticamente todo o mundo. Se é certo que Carpeaux deixou cerca de 1,5 mil artigos publicados em jornais e revistas, muitos outros devem estar esperando o exemplar trabalho de Christine ou de alguém, como ela, que se apaixona pelo que está fazendo. Christine recolhe e recupera, com esforço, textos publicados num período de mais de 20 anos e mais três prefácios para obras de Manuel Bandeira (1946), Goethe

(1948) e Hemingway (1971), procurando, com esforço, a maior fidelidade ao texto original.

Como se isso não bastasse, temos o acurado ensaio de Ivan Junqueira, poeta, tradutor, crítico, que não apenas examina os textos recolhidos, detendo-se mais demoradamente em alguns que lhe parecem fundamentais para a compreensão da obra examinada, mas traça um perfil do Otto Maria Carpeaux, homem e artista, que Ivan conheceu tão bem, tendo trabalhado com ele no *Correio da Manhã* e nas duas enciclopédias. Os que tiveram o privilégio de conhecer Carpeaux o reencontram de corpo inteiro, e os demais ficam sabendo o homem vulgar que ele foi e o quanto lhe deve a nossa literatura.

Nos anos 1950, Carpeaux fez a relação das *100 Obras Básicas para Ler*. Vamos nos limitar a duas ou três citações da introdução: "Existem certas listas de 100 ou 500 ou mil obras básicas, que 'todo mundo' ou pelo menos

todo homem culto 'deve ter lido'. São sempre insatisfatórias... /... não faço a mínima tentativa de negar que em qualquer seleção assim entra algo do gosto pessoal do selecionador. /... o que não vale ser lido não vale ser lido uma vez... Excluiu-se da lista, sistematicamente, a literatura nacional. Pois o leitor brasileiro, para poder passar por homem literariamente culto, precisa ter lido muito mais obras brasileiras do que podem entrar em lista tão reduzida. Contudo, reservou-se o centésimo lugar para Machado de Assis".

Em fins de 1971, num encontro casual, pensei em perguntar a Carpeaux se, passados quase 20 anos, ele mexeria na lista (ver box acima). Não tive coragem. E agora que estamos no início de um novo século e um novo milênio, será que ela continua válida?

* Escritor, autor de *Mare Nostrum* e *A vida breve de Sefredo das Neves*, poeta (ambos pela Record)

Cultura

009 - O livro procura o seu dono

MIGUEL, Salim. O livro procura o seu dono. **Diário Catarinense**. N.176, 20 de junho de 2006. Cultura.

DIÁRIO CATARINENSE

O livro procura seu dono

Eleito para a Academia Brasileira de Letras, José Mindlin é o primeiro bibliófilo a ocupar um assento na casa fundada por Machado de Assis

POR SALIM MIGUEL*

Alguns bibliófilos a ela pertenciam; outros lá estão, mas todos na condição de escritores. Na primeira vez, um bibliófilo como tal foi eleito para a Casa de Machado de Assis. Ele vem, desde criança, acumulando livros, a maior parte primeiras edições, alguns verdadeiras raridades, num total que já ultrapassa os 30 mil exemplares. A biblioteca é uma das facetas deste homem ligado à cultura em seu sentido mais amplo: publicou edições fac-similares, como a da *Revista de Antropologia*, de Oswald de Andrade, e a da *Revista Verde*, do Grupo de Cataguazes, década de 1920. A ele se deve a modesta edição de *Drummond Fronte e Verso*, fotobiografia de Carlos Drummond de Andrade (Alambra-mento, 1989), retrato de corpo inteiro do nosso poeta maior. Entre as publicações apoiadas por este benemérito das artes, cabe-me aqui citar a *Revista Faço* (Rio de Janeiro, 1976-1978), da qual fui um dos editores, juntamente com Cícero Sandroni, Eglê Malheiros, Laura Sandroni e Fausto Cunha. Nela, a sua empresa, Metal Leve, manteve permanente diálogo, sem outro retorno a não ser o de apoiar mais uma revista de literatura.

Vejo que até agora não disse o nome do novo imortal, mesmo porque nem me parece necessário, pois todos os medianamente interessados em literatura já devem ter percebido de quem estou falando: José Mindlin. Ele é o autor de *Uma vida entre livros*, recém-lançado com o tempo (Editora da Letras, 1997), onde traça, por meio de sabonosas histórias, o painel de sua paixão e de como ela surgiu nele ainda criança e persiste até hoje, quase 80 anos passados. Imprescindível, também, a leitura da outra obra sua: *Memórias esparsas de uma biblioteca* (Escritório do Livro, 2004), editada por Doroteia de Bruchard.

Meu primeiro contato com Mindlin foi quando do lançamento da *Revista Faço*, embora já subisse de sua atividade na área da cultura. Encontros mais demorados ocorreram em Florianópolis, onde ele tem



Recentemente, o acadêmico José Mindlin doou a coleção brasileira de sua biblioteca à Universidade de São Paulo

vários amigos, o mais próximo deles o poeta e editor Cleber Teixeira.

Inteligente pesquisador de edições raras, muitas praticamente impossíveis de obter — mas que ele acaba conseguindo —, Mindlin tem sempre histórias para contar. Antes de reproduzir uma delas, vou me referir a uma palestra que de fez na sede da Aliança Francesa, em Florianópolis, onde, por mais de uma hora, discorreu sobre suas leituras, suas buscas e suas preferências. Em certo momento, disse que embora não pudesse deixar de reconhecer a importância de Ulisses, de Joyce, o livro não era de seu agrado, ao contrário de *Em busca do tempo perdido*, de Proust, que não cansava de ler e releer.

Um episódio curioso é a maneira pela qual ele acabou conseguindo um dos três únicos exemplares da primeira edição de *O Guarany*, de José de Alencar. Certo dia, recebeu um telefonema de Paris, com a informação de que, num leilão em Londres, estaria à venda um desses três exemplares.

Mindlin, em São Paulo, autorizou a compra, mas, quando o homem vol-

tou ao leilão, o dono havia desistido da venda. Pouco depois, o bibliófilo foi a Paris e lá soube que o tal dono estava disposto a vender seu precioso *O Guarany*. Procurou-o e, sem titubear, fez a compra. Para maior garantia, na volta não despachou o livro, veio com ele na mão. Ao trocar de apartamento, no Rio de Janeiro, esqueceu o volume. Em casa, a primeira coisa que disse à mulher, Gaita, foi que, afinal, conseguira *O Guarany*. Fez uma pausa dramática e acrescentou que o havia esquecido no avião da Air France.

Isso me leva a contar outra história ocorrida com o nosso bibliófilo lapotiano Soares, que estava no Rio e, como sempre, percorria os sebos. Em um deles, se deu conta de que na prateleira mais baixa havia um livro de grossura incomum, puxou-o, dentro dele tinha outro, procurado há muito de tempo. Comprou-o. No dia seguinte, ao encontrar um amigo também bibliófilo, apressou-se em contar-lhe o sucedido. E o amigo: "Tu havia escondido este livro para depois comprá-lo". Ipotano, então, cunhou a seguinte frase: "O livro procura seu dono". Pois o mesmo ocorreu com *O Guarany*, cujo dono tinha de ser o bibliófilo José Mindlin. Em casa, dias

depois, recebeu um pacote da Air France com o livro que imaginava perdido para sempre. Não posso deixar de mencionar, também, o disco *O prazer da Poesia*, na voz de Mindlin, onde ele diz, e diz bem, poemas de suas preferências, de um Drummond, um Bandeira, uma Cecília Meireles e um belo poema de Jacinto Passos, uma poeta hoje praticamente esquecida.

Volto a palestra na Aliança Francesa. Terminada, fui cumprimentá-lo, e, já que tinha falado de suas preferências, perguntei se conhecia a lista dos cem livros que Otto Maria Carpentier achava que todos deviam ler. Claro que ele conhecia. Perguntei se conhecia a de Marques Rebelo e por que ele também não fazia uma. Não garanti se já tinha ou se já preparou na ocasião, dias depois eu recebia a lista com uma introdução. Creio não ser indelicado se, agora que José Mindlin é imortal, tomo a liberdade de publicá-la como introdução aos "cem autores".

"A Escolha de 100 livros"

É escusado salientar a dificuldade de escolher 100 livros que se possam considerar fundamentais. Quando muitos, poderiam constituir um ponto de par-

Autores e suas obras

1. Anônimo — *As Mil e Uma Noites*
2. Adolfo Prato — *Bagagem*
3. Alain Fournier — *Le Grand Meauland*
4. Alexandre Dumas — *Os Três Mosqueteiros*
5. Anatole France — *A Ilha dos Pingins*
6. Antônio Candido — *A Formação da Literatura Brasileira*
7. Antonio Vieira — *Sermões*
8. Balzac — *A Comédia Humana*
9. Barbara Tuchman — *A Torre do Origêlio*
10. Bandeira — *As Flores do Mal*
11. Beaumarchais — *Teatro*
12. Benjamin Constant — *Adolfo*
13. Bernard Shaw — *Teatro (com prefácios)*
14. Bocaccio — *Decamerone*
15. Camões — *Lírica / Os Lusíadas*
16. Camus — *A Peste*
17. Carlos Drummond de Andrade — *Poesia Completa*
18. Casanova — *Memórias*
19. Castro Alves — *Poesia Completa*
20. Cecília Meireles — *Poesia Completa*
21. Cervantes — *Don Quixote*
22. Checov — *Romanços e Contos*
23. Cyro dos Anjos — *O Ananias e os filhos*
24. Diderot — *Robinson Crusoe*
25. Dickens — *Grandes Esperanças*
26. Diderot — *Jacques, o Fatalista*
27. Dostoiévski — *Crime e Castigo*
28. Eça de Queiroz — *Os Maias*
29. Elizabeth Barrett Browning — *Poemas*
30. Emily Brontë — *Morro dos Ventos Livres*
31. Emily Dickinson — *Poemas*
32. Eric Veríssimo — *O Tempo e o Vento*
33. Esquilo — *Teatro*
34. Eurípides — *Teatro*
35. Fernando Pessoa — *Poesia Completa*
36. Fickling — *Tom Jones*

37. Flaubert — *Educação Sentimental*
38. García Márquez — *Cem Anos de Solidão*
39. Gilberto Freyre — *Casa Grande e Senzala*
40. Gogol — *Romanços*
41. Gonçalves Dias — *Poesia Completa*
42. Graciliano Ramos — *Vidas Secas*
43. Gregório de Mattos — *Obra Poética*
44. Guimarães Rosa — *Grande Sertão: Veredas*
45. Guy de Maupassant — *Contos*
46. Helena Morley — *Minha Vida de Menina*
47. Herman Hesse — *O Labirinto da Escarpa*
48. Homero — *Odisseia/Íliada*
49. Jane Austen — *Orgulho e Preconceito*
50. João de Cabral de Melo Neto — *Poesia Completa*
51. Jorge Amado — *A Morte e a Morte de Quincas Borra D'Água*
52. Jorge Luis Borges — *Biblioteca de Babel*
53. José de Alencar — *O Guarany*
54. José Lima do Rego — *Memórias de Engenho*
55. José Saramago — *Memórias do Cavaleiro*
56. Joseph Conrad — *Lord Jim*
57. Julio Cortázar — *O Jogo da Amarelinha*
58. Kafka — *O Processo*
59. La Fontaine — *Contos e Novelas*
60. Lima Barreto — *Três Fim de Pelicano*
61. Machado de Assis — *Memórias Póstumas de Brás Cubas*
62. Manoel Antonio de Alencar — *Memórias de Um Sargento de Milícias*
63. Manoel Bandeira — *Poesia Completa*
64. Manoel de Barros — *Gramática Expontânea do Chão*
65. Mário de Andrade — *Macunaima*

66. Marivaux — *Teatro*
67. Molière — *Teatro*
68. Montaigne — *Ensaio*
69. Montesquieu — *Cartas Persas*
70. Nathaniel Hawthorne — *A Carta Escrita*
71. Olavo Bilac — *Poesias*
72. Oscar Wilde — *Retrato de Dorian Gray*
73. Oswald de Andrade — *Serfina Ponte Verde*
74. Paul Eluard — *Poemas*
75. Paulo Prado — *Retrato do Brasil*
76. Pedro Nery — *As Memórias*
77. Platão — *Diálogos*
78. Proust — *Em Busca do Tempo Perdido*
79. Rachel de Queiroz — *O Quinze*
80. Raul Pompéia — *O Alcaide*
81. Rimbaud — *Poesias*
82. Rousseau — *Confissões*
83. Sérgio Buarque de Holanda — *Raízes do Brasil*
84. Shakespeare — *Teatro*
85. Solides — *Teatro*
86. Stendhal — *O Vermelho e o Negro*
87. Sterne — *Tristram Shandy*
88. Suetônio — *Vida dos Doze Césares*
89. Swift — *Gulliver*
90. Thomas Mann — *A Montanha Mágica*
91. Tolstói — *Guerre e Paz*
92. Turgenev — *Romanços*
93. Vargas Llosa — *Governo na Catástrofe*
94. Verlaine — *Poesias*
95. Vicente de Carvalho — *Poemas e Canções*
96. Victor Hugo — *Os Miseráveis*
97. Vinícius de Moraes — *Poesia Completa*
98. Virgílio — *Eneida*
99. Virginia Woolf — *Orlando*
100. Voltaire — *Romanços*

tida, mas, mesmo assim, eu teria imensa dificuldade em destacar, na obra de muitos autores, um título com exclusão de todos os outros. Resolvi, por isso, adotar uma solução intermediária, que não eliminasse, mas amenizasse a dificuldade, indicar 100 autores, em vez de 100 títulos, agrupando um título, mas com o claro entendimento que outros, ou em alguns casos, mesmo todos os outros desses autores devem ser incluídos na biblioteca.

Em se tratando de um público leitor heterogêneo, é evidente que autores incluídos para um grupo não interessam ou podem não interessar a outros. Mas o que eu procurei fazer foi elaborar uma lista abrangente, contendo autores clássicos e contemporâneos, em prosa e poesia, assim como no campo da história e da crítica literária. A contradição aqui reside, que se poderia incluir mais ainda, os livros infantis e de arte, que deixei a cargo de especialistas, e cências, de que não tenho nada. Mas que outros condutores certamente saberão sugerir. O critério utilizado, para falar com franqueza, foi o gosto pessoal. Todos os autores fazem parte de minhas leituras, e muitas vezes de leituras através da vida, e não tenho dúvida de que darão prazer aos futuros leitores — não todos os autores

a todos os leitores, mas certamente muitos a muitos, e alguns a alguns. Como já tomei a liberdade de não se guiar à risca as instruções, que pediam 100 livros, achei que ao menos tinha de me limitar a 100 autores. Isso me obrigou a muitas exclusões, que li muito bastante. Como exemplo de autores importantes que deixei de incluir na lista, poderia citar, e ainda assim deixando de fora muitos outros: Agatha Christie, Alice Carpentier, Aristófanes, Boccaccio, Charlotte Brontë, Dante, Doris Lessing, Edgard Allan Poe, Gil Vicente, Goethe, Herodoto, Isaac Bashevis Singer, Isak Dinesen, Platão, Pushkin, ou Simenon. Mas a lista foi exclusivamente indicativa, e certamente não é excludente. Não consegui nunca seguir o pensamento de Thomas Mann, quando dizia que a leitura dos bons livros devia ser proibida, porque existem os outros. Não há como definir, de forma precisa, o que é o bom, e o que é o ótimo, que varia para cada leitor. A leitura deve ser um mundo de liberdade intelectual, e a escolha dos livros cabe a cada um de nós. Ninguém deve se sentir obrigado a ler determinados livros, ou a não ler outros livros.

Muito mais, podemos dizer a um leitor que seria pena deixar de ler certos livros, e uma provável perda de tempo

a leitura de outros, mas a decisão deve ser sempre individual. Incluir o mais cedo possível o hábito da leitura é fundamental, e isso significa abrir as portas para um mundo maravilhoso. Mas uma vez criado o hábito, cada um deve se sentir à vontade para se situar como quiser.

Ai vai, pois, a lista de 100 autores. Quanto à lista que foi pedida, dos 50 livros que maior influência exerceram na humanidade, foi coisa que não consegui fazer. Tentei enumerar alguns, e os primeiros que me ocorreram foram a Bíblia, o Alcorão, o Capital, e a obra de Freud. Como não li nenhum dos três primeiros, e pouco de Freud, achei que seria mais pretensão de minha parte que continuar.

Além disso, acredito que nessas 50 certamente se incluiriam obras de alguns dos 100 autores. Agora, pois, com muita caridade, as listas que surgem.

São Paulo, julho de 1993.
JOSE E. MINDLIN

Agora que é imortal, será que mantêm intocados os "cem autores"?

* Escritor e jornalista, autor de, entre outros, *Mare Nostrum* e *A Vida Brava de São Francisco das Neves*, poeta, ambos pela Record.

010 - Indagações sobre o mundo

MIGUEL, Salim. Indagações sobre o mundo. **Diário Catarinense**. Florianópolis, 02 jul. de 2005. DC Cultura



Cultura

Editor: Doriva Rezende ☎ (48) 216-3590 - e-mail: doriva.rezende@diario.com.br
Diagramação: Humberto Lauda ☎ (48) 216-3571 - e-mail: humberto.lauda@diario.com.br

SÁBADO, 2 DE JULHO DE 2005

Indagações sobre O MUNDO

No próximo dia 12 de agosto completam-se 50 anos da morte do alemão Thomas Mann, um dos principais escritores do século 20

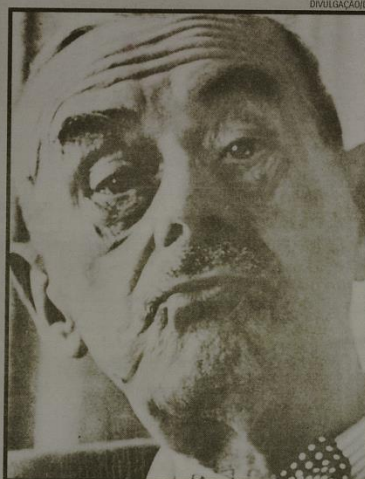
POR SALIM MIGUEL *

Bem no início do século passado (1901), um romance de estória causava forte impacto, não só por suas qualidades e pelo domínio da escrita, mas também porque mexia com o burgo onde a trama se desenvolvia. O autor tinha pouco mais de 20 anos e o fio condutor era a decadência da alta burguesia de Lübeck, não sendo difícil perceber traços da família do próprio autor, bem como de outras personalidades da terra. Bastaria este romance, *Os Buddenbrook*, para situar Thomas Mann como um dos nomes mais representativos da literatura do século 20.

Ele queria muito mais e, no decorrer dos anos seguintes, foram aparecendo outras obras que igualavam ou superavam o livro de estória, romances como *Carlota em Weimar*, a tetralogia *José e seus irmãos*, *As aventuras de Felix Krull* (o mesmo livro publicado em duas versões, com algumas diferenças e poucos acréscimos e ambas incompletas), *A montanha mágica*, *Doutor Fausto*.

Como se todo este monumento literário não bastasse, existem ainda novelas, entre as quais *Cabeças trocadas*, *O cisne negro*, *Mário e o mágico*, *O cão e seu dono*, *Morte em Veneza*, bem como um ambicioso *Diário*, que acompanha seus problemas do dia-a-dia, sua correspondência, por exemplo, com Hermann Hesse. Thomas Mann também se dedicou ao ensaio, e entre os muitos podemos citar: *Freud no futuro*, *Schopenhauer*, *Viagem Marítima com Dom Quixote*, *O Fausto de Goethe*, *Goethe e Tolstói*, *A arte do romance*, *Ensaio sobre Tchekhov*. Para se conhecer o pouco melhor o autor e seu processo de criação, é interessante a leitura de *Minhas memórias inescríveis*, de sua filha Katia Mann. A vida de Heinrich e Thomas, filhos de pai alemão e mãe brasileira de sangue indígena, é estudada em *Os Irmãos Mann - As vidas de Heinrich e Thomas Mann*, de autoria de Nigel Hamilton; temos ainda *Thomas Mann (1875-1955)*, *Homenagem ao seu centenário*, com textos de vários autores, revelando outros aspectos de sua trajetória literária e humana.

No entanto, quando se fala em Thomas Mann, apenas dois livros são geralmente lembrados, *A montanha mágica* e *Morte em Veneza*; sem dúvida, duas obras-primas, mas por que deixar de fora, entre outras, *Doutor Fausto*, onde Mann retoma um tema que parecia esgotado com o *Fausto* de Goethe? Ou a tetralogia de José, em que o autor, sobre um episódio da Bi-



Thomas Mann, autor de *A montanha mágica* e *Doutor Fausto*

blia, desenha um fantástico painel?

Por mais que se releia Thomas Mann ou a respeito dele, a cada vez são novas descobertas, e o leitor, seja por simples fruição ou no desejo de se aprofundar na obra do mestre, fica se perguntando como foi que tal incidente e sua importância para a compreensão da obra lhe passou despercebido.

Tomemos *A montanha mágica* e *Morte em Veneza*, dois livros que tanto se aproximam como se afastam: Hans Castorp, um jovem, vai visitar o amigo internado num sanatório suíço e, pretendendo ficar duas semanas, ele permanece sete anos, nesse microcosmo que nos dá um retrato perfeito do macrocosmo; um velho escritor vai a Veneza recuperar forças e sem se preocupar com a peste que assola a cidade, fascinado pela beleza do jovem Tadzio, com quem não troca uma única palavra, não consegue escapar e acaba morrendo vitimado pela doença. Os dois livros oferecem numerosos níveis de leitura,

mas em ambos temos a presença obsessiva do erotismo. Dúvidas e reflexões do personagem-escritor se imbricam com as intermináveis discussões entre os filósofos Setembrini e Nafta. Será de mais traçar um paralelo entre o músico frustrado e tuberculoso, que vende sua alma ao diabo em troca da realização de uma obra-prima e o pintor mediocre (Hitler) que esteve perto de dominar o mundo? No *Doutor Fausto*, na maior parte escrito durante o exílio do autor nos Estados Unidos, não são poucas as informações sobre teoria musical, que se devem a Adorno.

Em todas as obras de Mann, o leitor atento encontrará indagações sobre o mundo em que vivemos e as profundas transformações que ocorreram durante os primeiros 55 anos do século passado, que ele registrou de maneira magistral em tudo que escreveu.

Ler e refer Thomas Mann é fonte inesgotável de fruição e conhecimento. Me

proponho a abordar apenas dois itens: primeiro, não deve ter sido fácil para um escritor da importância de um Heinrich Mann viver à sombra do irmão, que foi desde logo reconhecido e, em 1929, recebia o Nobel de Literatura. Heinrich, comunista, só se tornaria mais conhecido depois de seu romance *O anjo azul* ter sido levado às telas, com Marlene Dietrich no papel principal. Thomas Mann só se tornaria ativista político na luta contra o nazismo; segundo, alguns estudiosos cobram de Thomas Mann por não ter sido um vanguardista à maneira de Joyce, Proust, Kafka, os quais, desconstruindo o romance tradicional, criaram um novo romance. Eles esquecem que, durante toda a sua trajetória, Thomas Mann quis ser fiel à proposta de Thomas Mann. Não se pode negar que em *Morte em Veneza*, *O eleito*, *A montanha mágica*, *José e seus irmãos* e, especialmente, *Doutor Fausto*, sobre cuja composição ele escreveu *A gênese do Doutor Fausto* (*Romance sobre um romance*), se encontram inovações formais e estilísticas.

Não posso concluir sem relembrar que a revista *SUL*, nº 25, de agosto de 1955, registrava, com o título "*Falecimento de Thomas Mann*", o que representava aquela perda para a literatura do século 20. Eis trechos do registro de então: "Já o presente número da revista se encontrava nas oficinas quando nos chegou a notícia do falecimento de Thomas Mann... Há pouco havia ele completado 80 anos, quando de toda parte do mundo lhe foram prestadas significativas homenagens, homenagens ao grande escritor e ao homem consciente... Como homem foi sempre digno, sempre consciente dos problemas, sempre de atitudes francas. Não dissociava a atividade intelectual, da vida propriamente dita... Suas recentes declarações em favor do entendimento, da compreensão e concórdia entre os homens, sua atitude de repúdio às soluções de força, tornam-no caro a todos os que lutam por um mundo melhor. Quando da morte do cientista Albert Einstein, declarou ele: 'O que eu nele (Einstein) amava e admirava e sempre honrarei é a atitude moral com que, voltado para o pensamento humanístico, ele superior a todo conformismo, defendia corajosamente as suas convicções'. Palavras que poderiam caracterizar o próprio Thomas Mann."

* Escritor, autor de *Mare Nostrum* (Record) e *Nur na Escândalo* (Topbooks), entre outros

011 - Nova bibliografia Machadiana

MIGUEL, Salim. Nova bibliografia Machadiana. *Diário Catarinense*. Florianópolis, 23 jul. de 2005. DC Cultura.

48

Editor: Dorva Rezende ☎ (48) 216-3590 - e-mail: dorva.rezende@terra.com.br
Diagramação: Humberto Lauda ☎ (48) 216-3571 - e-mail: humberto.lauda@diario.com.br

SÁBADO, 23 DE JULHO DE 2005

Nova bibliografia MACHADIANA

Trabalho de Ubiratan Machado resgata obras do autor de *Dom Casmurro* pela Edusp

POR SALIM MIGUEL*

Em inícios deste ano, conversando por telefone com Ubiratan Machado, perguntei quando sairia sua *Bibliografia Machadiana*. A resposta foi que seria ainda no primeiro semestre, o que, de fato, ocorreu, publicada pela Edusp. Antes que lhe fizesse uma segunda pergunta, como que adivinhando o meu pensamento, ele acrescentou: mas já sei desafiada. A bibliografia vai de 1959 a 2003. É que o interesse pela obra e vida do Bruxo do Cosme Velho aumenta a cada mês, a cada semana, quase diríamos, a cada dia. São referências, estudos, ensaios, não só no Brasil, mas em todo o mundo.

Não é este o primeiro livro que Ubiratan dedica ao autor de *Dom Casmurro*. Ele havia publicado, em 2003, pela EdUerj, *Machado de Assis: Roteiro da Consagração*, onde apresenta minuciosa pesquisa sobre a maneira como foram recebidos todos os livros de Machado, trazendo, a respeito de cada um, as primeiras críticas, algumas de nomes conhecidos, como José Veríssimo e Mário de Alencar, outras de anônimos ou desconhecidos, estes sobrevivendo apenas porque escreveram a respeito de um dos livros de Machado; podemos também ver como, a cada novo livro, aumentava o prestígio do autor; coro do qual só destoavam as críticas de Silvio Romero.

Machado de Assis é hoje uma das raras unanimidades da Literatura Brasileira; o que se discute não é a inevitável importância de sua obra e o crescimento que ela foi tendo ao longo dos anos, mas qual de seus romances é o mais representativo, ou se o romancista é superior ao contista. Não se pode ou se deve esquecer o cronista e o crítico, que soube nos dar, como em tudo o que fez, textos que permanecem válidos até hoje e nos trazem um retrato de seu tempo e de sua gente. Até mesmo na poesia, embora seja sua faceta menos valorizada, existem obras-primas, como o soneto *A Carolina*.

Se o reconhecimento de Machado de Assis foi num crescendo constante em terras brasileiras, o mesmo não se pode dizer no que se refere a outros países, pelo fato dele escrever num idioma e num país periféricos. De uns poucos anos para cá, a obra de Machado de Assis começa a ser reconhecida e divulgada no exterior: alguns estudiosos reconhecem nele um dos nomes mais representativos da literatura do século 19, com obras como *Memórias Póstumas de Brás Cubas* e *Dom Casmurro* no mesmo nível das mais importantes de outros países, o mesmo podendo ser dito de muitos de seus contos. Harold Bloom, em seu *O Cânone Ocidental*, não se refere a Machado de Assis, recebeu tantas críticas que, em outro livro, deu a mão à palmatória e reconheceu que se havia equivocado.

Susan Sontag, escritora americana falecida há pouco, publicou um ensaio importante a respeito do autor de *Quincas Borba*, o que ajudou a torná-lo mais conhecido. Diz ela: "Imagine um escritor que, no decorrer de uma vida razoavelmente longa, em que jamais viajou a mais de 120 quilômetros da capital onde nasceu, tenha criado uma obra imensa. Um escritor do século 19, você dirá, e estará certo: autor de uma enorme quantidade de romances, novelas, contos, peças de teatro, ensaios, poesias, críticas, crônicas políticas, além de repórter, editor de revista, burocrata do governo, candidato a um posto público, fundador e presidente da Academia de Letras de seu país. Um prodígio de realização, da transcendência do mal social e físico (era mulato num país onde a escravidão só foi abolida quando ele já estava perto dos 50 anos de idade e era epiléptico), que durante essa carreira nacional deslumbrante, prolífica e exuberante, conseguiu escrever um bom número de romances e contos pelos quatro volumes de *Vida e Obra de Machado de Assis*, de R. Magalhães Júnior, que antes nos dera *Machado de Assis, Funcionário Público e Machado de Assis, Desconhecido*. Isso sem falar nas dezenas de contos recolhidos em jornais e revistas e não incluídos nas obras completas.

Aqueles que se interessam pelas leituras do autor gostarão de conhecer *A Biblioteca de Machado de Assis*, que, além de alguns ensaios, relaciona o que foi preservado de sua biblioteca, revelando a variedade de seus interesses, não se limitando à ficção de Flaubert, Balzac, Stendhal.

O primeiro levantamento da fortuna crítica do autor é *Bibliografia de Machado de Assis*, de J. Galante de Souza, que vem até 1958; dele também temos *Fontes para o Estudo de Machado de Assis*. Outros livros que seguem linhas mais ou menos paralelas são: *Dicionário de Machado de Assis*, de Francisco Pati; *O Mundo de Machado de Assis*: o Rio de Janeiro na obra de Machado de Assis, de Mécio Tati; *Geografia de Machado de Assis*, de Waldir Ribeiro do Val; *A Fortuna Crítica de Machado de Assis*, de Wilson Chagas. Temos também os quatro volumes de Jean-Michel Massa: *Bibliographie Descriptive, Analytique et Critique de Machado de Assis*; *Os Contos de Machado de Assis*; mais do que sonha a filosofia, instigante ensaio de Paul Dixon; *Machado de Assis: 'A Semana' e Machado de Assis: Bons Dias*, onde John Gledson recolhe colaborações até então não enfilexadas em livros.

Não existe apenas um Machado de Assis, são vários, diferente para cada tipo de leitor, e mesmo um viciado em sua obra e que a lê e relê, de repente se surpreende com um capítulo, um parágrafo, uma frase e fica se perguntando "Como não me dei conta do que agora me parece tão óbvio?". As discussões sobre qual livro ou qual conto são os melhores é interminável. Como é interminável a discussão se qual das duas, *Capitu* e *Virgília*, é a figura feminina mais instigante. E o que dizer de *Sofia*? Quanto aos contos, são numerosas as antologias, depois que sua obra caiu em domínio público. Apesar de alguns figurarem em todas, há uma gama variada de opções.

É tempo de voltar ao livro de Ubiratan Machado, *Bibliografia Machadiana (1959-2003)*, organizada em ordem cronológica e com índice onomástico, que facilita a pesquisa. Diz o autor, numa breve apresentação: "Não há exagero em se dizer que, nesses quarenta e poucos anos, surgiu um novo Machado de Assis, com a mudança radical na abordagem e na compreensão de sua vida e obra... A média anual de estudos e notícias sobre Machado, que em galante foi de cerca de 18 por ano, passou para quase 70 no período compreendido em nossa obra... Como dizia o velho Anatole France, 'esperar saber o bastante, para agir em plena luz, é se condenar à inação'. A impossível perfeição, pois, preferimos a ação e a obra resultante, nossa contribuição aos estudos sobre o maior escritor das Américas, em todos os séculos, e um dos monstros sagrados da literatura universal. Vale."

Embora sem qualquer tipo de apoio oficial ou institucional, Ubiratan Machado, pesquisador infatigável e criterioso, vasculhou não só a Biblioteca do Congresso em Washington, bem como a de outros países.

* Salim Miguel é escritor, autor de *Mare Nostrum* (Record) e *Nur na Escuridão* (Topbooks), entre outros livros

Machado de Assis é uma das raras unanimidades na Literatura Brasileira, pela importância de sua obra

012 - Não tá certo

MIGUEL, Salim. Não tá certo. *Diário Catarinense*. Florianópolis, 24 e 25 dez. de 2005. Cultura.

SÁBADO E DOMINGO, 24 E 25 DE DEZEMBRO DE 2005

Não tá certo

A conversa de dois gatos de praia famintos no conto inédito de Natal do escritor catarinense

POR SALIM MIGUEL *

A manhecia, eles juntos no canto da churrasqueira, um estivera na janela tentando chamar a atenção, o outro viera da porta da cozinha esperando que abrisse. Embora amigos, o silêncio pesava, e com ele uma hostilidade latente, embutida, que permeava o convívio de anos.

— Hum, hum, tá errado.

— Tá errado o quê?, me diz.

— Tumentendes, bicho.

— Só se tu, nunquinha eu, tou bem de vida.

— Tás bem porque és um acomodado, te contentas com migalhas.

— Discordo, queixas não tenho.

— Te explico, estou cansado, vai um exemplo pra essa tua cachola de merda.

— Ofensa não aceito, sou machão, me... me...

— Que machão, disso não se trata, tu é um lambe mão e lambe pé, vai o exemplo, melhor que Natal sem fome não seria preferível só o Natal com fome e todos os outros 364 dias de barriga cheia?...

— Pode ser.

— Acomodado e teimoso, se não fosse nosso parentesco, minha memória ancestral, te largava, ia me juntar ao bando revoltoso, pra mexer com essa gerigonça.

— Que conversa, donde te veio essa, como diz tu, sabença.

— Eu quero saber; tu um acomodado malcheiroso nunca entrou na biblioteca, ficas na cozinha, na sala, lambe lambe os pés da dona, com olhos pidões imploras migalhas, me diz, tu viu na parede as fotos da nossa parente, aquilo sim que era vida o ano todo, chegou até a avoar de lá pra cá; e nós e nós...

— Nós e tranças dás tu com esta conversarada, sem um pinga de consideração por quem te trata tão bem.

— Trata por quatro meses e esquece os outros oito.

— Enrolação tua, tou é com fome, a bóia demora.

— Logo vem, demora são os oito meses, me entendes agora, seu sarnento de merda...

— Que oito meses, me diz.

— Os que ficamos catando restos, sempre digo, preferível jamais saborear o de bom ou passável, porque aí apenas sabemos o que sabemos, mas, porém, matar nossa fome nos quatro meses e nos matar de vontade nos outros oito é que não tá certo, é malvañez da grossa.

— Tu é um mal agradecido, a dona sofre, poder não pode, querer quer nos levar pro tal de departamento.

— Apartamento.

— Tanto faz, diz que levou um bisavô de nós, deu no que deu, o bicho não güentou a solidão, o isolamento, sem fêmea, se pinchou lá de cima e morreu.

— Com a tal Garotinha nada disso aconteceu.

— Ela já nasceu no tal departamento, aqui no terreno logo se aclimata, memória ancestral, como tu diz.

— Tu quer me enrolar, o tempo passa, vai ver foram simbora sem dar tchau.

— Foram não, ela nunca esquece de se despedir e às vezes até manda um de comer.

— Olha, tá chegando aquele bicho nojento, vontade de avançar nele, tem um danado dum faro, e come do nosso...

A frase foi interrompida, a porta da cozinha se abre, a dona de roupão aparece com um prato de comida, diz: "Bolota, Tigrinho vocês já estão aqui há tempo, seus danadinhos, desculpem, dormi demais, olhem tá bom, o lagarto de rabo novo já deu as caras, vou dar um tiquinho pra ele".

Nesse meio tempo, Bolota apressado pulou e, mesmo antes do prato chegar ao chão, começa a lamber os pés da dona, enquanto, lá da mesa da copa, o marido reclama: "Sempre isso, vou virar bichano pra mode de ver se obtenho igual tratamento privilegiado".



* Jornalista e escritor, autor de *Mare Nostrum* e *A Vida Breve de Sezelredo das Neves* poeta, ambos pela editora Record

013 - De como não recebi R\$ 22 mil

MIGUEL, Salim. De como não recebi R\$ 22 mil. *Diário Catarinense*. Florianópolis, 15 ago. de 2004. Dona DC.

Salim Miguel

Doutor Fulano esclarece que tenho uma importância razoável a receber, mas há alguns procedimentos burocráticos

De como não recebi R\$ 22 mil

Os aposentados teimam em não morrer, murmuram os chefões e chefinhos nos palacetes governamentais. Tá bem que depois de uma existência de intensa labuta, por vezes nem tanta, queiram usufruir do chamado *otium cum dignitate*, mas também não precisam exagerar. Assim não há sistema previdenciário que resista.

A história começou no governo Fernando Henrique e foi concluída no de Lula: taxar os aposentados, embora eles tivessem contribuído ao longo da vida ativa. Os governantes insistiam no vultuoso rombo, sem considerar os recursos desviados da previdência para outros fins e nem o fato de muitos patrões recolherem dos empregados e nada encaminharem aos cofres do INSS.

Há dois meses venho sendo descontado em mais de onze por cento do meu salário de aposentado do serviço público federal, em contrapartida vai para dez anos que os propalados aumentos de salário, quando ocorrem, são ridículos. O governo não se cansa de reafirmar a necessidade de estarmos atentos à compatibilidade entre a receita e a despesa, pouco importando para ele se nossa receita vem diminuindo e a despesa aumentando.

A essa altura do campeonato o leitor deve estar se-me perguntando o que tem a ver esta conversação com o título; tem inteira razão. Um momentinho e já explico. Minha mulher e eu estávamos exatamente examinando receita e despesa quando toca o telefone. Aqui me vejo obrigado a mais uma breve interrupção: o telefone foi privatizado a preço de banana para melhorar o serviço e baratear os custos. Melhor não vi, baratear

só numa estranha matemática que desconheço, eu pagava em torno de oitenta reais por mês, reduzi as chamadas e agora pago mais de duzentos.

O telefone toca, a voz modulada diz meu nome, pergunta se eu sou eu, se nasci no dia tal do mês tal do ano tal, confiro. A voz explica: está telefonando do escritório do advogado Fulano, tem um assunto do meu maior interesse, doutor Fulano não se encontra no momento, eu anote o número de um celular, ligue de tardezinha ou na manhã seguinte. Telefone na manhã seguinte, peço para falar com doutor Fulano, aguardo um momento e uma voz firme, empastada, pergunta o que desejo, explico e doutor Fulano esclarece que seu escritório pesquisa junto a órgãos do governo e que eu, como tantos outros, tenho uma importância razoável a receber, mas existem alguns procedimentos burocráticos para que a quantia me seja remetida.

O telefone toca, a voz modulada diz meu nome

Como nunca soube lidar com o vil metal, peço um tempo, telefonarei mais tarde. Ligo para meu irmão, que entende de finanças; ele ri, pede o número do celular, mais tarde me dá o resultado da conversa. Em síntese, eu teria R\$ 22 mil e uns trocados para receber, porém para que me chegassem às mãos, existiam despesas em torno de seiscentos reais que tinham de ser quitadas antecipadamente. Meu irmão contrapôs que o doutor Fulano retirasse a quantia do montante que me era devido e remetesse o restante em cheque. Impossível, foi a resposta sucinta e taxativa.

E lá fiquei eu sem os pretensos R\$ 22 mil, que me ajudariam a voltar a alguns ditos supérfluos, sem desequilibrar receita e despesa, conforme preconiza o cauteloso governo.



014 - Um encontro na antiga Capital Federal

MIGUEL, Salim. Um encontro na antiga Capital Federal. *Diário Catarinense*. Florianópolis, 17 jul. de 2004. DC Cultura, literatura.

14

DC CULTURA

SÁBADO, 17/07/2004

LITERATURA

Um encontro na antiga CAPITAL FEDERAL

De como um grupo de jovens provincianos foi conhecer, no Rio de Janeiro, o poeta Carlos Drummond de Andrade

POR SALIM MIGUEL *

ARQUIVO PESSOAL/DC

Breve anotação: Inícios de 1950. Jovens provincianos, ansiosos, conseguem passagem pelo navio Hoepcke e numa travessia que começa em Florianópolis, passa por Itajaí, São Francisco, Paranaguá, Santos, afinal chegam ao cais do Porto da Praça Mauá. Mais do que conhecer a Capital Federal ou a cidade maravilhosa de encantos "mis", querem manter contatos com intelectuais, visitar museus e recantos históricos, ir a livrarias, teatros, cinemas. A passagem havia sido conseguida com o prefeito Tolentino de Carvalho, já a hospedagem e a alimentação na Casa do Estudante do Brasil, por interferência de Paschoal Carlos Magno, diplomata e crítico de teatro, que estivera em Florianópolis para assistir à estreia de *Cândida*, peça de Bernard Shaw encenada pelos jovens. Além dele, conheciam Marques Rebelo, que trouxera a Florianópolis a Primeira Exposição de Arte Contemporânea, e o catarinense Jorge Lacerda, que dirigia o *Letras e Artes*, melhor suplemento literário editado no país.

Não demora tinham visitado o poeta Jorge de Lima em seu consultório médico, levado o romancista José Lins do Rego para almoçar no bandejão da Casa do Estudante, conversado com os também jovens da *Revista Branca* e da *Ofeu*. Houve também o encontro com Astrogildo Pereira, crítico literário e diretor da revista *Literatura*, um dos fundadores do Partido Comunista, que, menino, estivera no velório de Machado de Assis; na rua cruzamos, sem abordá-lo, com Guimarães Rosa, tomamos um chope no Vermelhinho com Flávio de Aquino e passamos na Livraria São José, do Carlos Ribeiro, que vendia a revista *Sul*, estivemos no *Correio da Manhã* com o romancista José Conde e o crítico literário Otto Maria Carpeaux, no *Diário de Notícias* com Paulo Rónai e Aurélio Buarque de Holanda.

Não bastava. Impossível sair do Rio de Janeiro sem conversar com



Do encontro com Carlos Drummond de Andrade (segundo à esq.) participaram Yedda Navarro, Eglê Malheiros, Ody Fraga e Silva, Salim Miguel, Dante Ravaglia, Pedro Taulois, José Simeão Leal, Osvaldo Goeldi e Jorge Lacerda

Graciliano Ramos e Drummond. Dizia-se serem de difícil trato. Contudo, não foi o que sucedeu, quem sabe porque ambos, o alagoano e o mineiro, também haviam sido provincianos. A conversa com mestre Graça transcorreu de maneira extremamente cordial, em seu recanto preferido, nos fundos da Livraria José Olympio. Quanto ao Drummond, me atrevo a republicar, sem mexer nas possíveis imperfeições e vacilos, o texto que alinhabei da conversa mantida no escritório dele, depois de haverem visitado o Simeão Leal, que dirigia os excelentes *Cadernos de Cultura*, bem como o Jorge Lacerda, onde foi feita, com o grupo, uma memorável fotografia publicada no *Letras e Artes*. Relutei durante mais de 50

anos, mas agora não fui eu quem quis, foi o texto que se impôs, e o da mesma forma como apareceu na *Página Literária do Circulo de Arte Moderna*, do jornal *O Estado*, no dia 26 de fevereiro de 1950.

O texto:

"Dentre os nomes que sempre mais nos interessaram, na moderna literatura do Brasil, e que mais vontade tínhamos de conhecer, inegavelmente o poeta Carlos Drummond de Andrade era um dos primeiros. Por isto, já ao sairmos de Florianópolis, fazíamos planos de como melhor poder abordá-lo. Sabíamos-lo não muito acessível a entrevistas. Ademais, nos tinham prevenido ser ele pessoa de poucas falas. Tudo isto e mais a admiração que lhe votávamos, que tínhamos pela

poesia dele, indubitavelmente das melhores já feitas no Brasil em qualquer época, nos faziam desejar e temer ao mesmo tempo tal encontro...

No Rio, os dias iam-se passando - e nós nada. Estávamos à espera de que chegasse o número 10 de *Sul*. Ai então teríamos um pretexto para a visita, motivo para alguns minutos de palestra. E o caso é que nada da revista. Nunca que chegava...

Mas até que um dia não foi mais preciso. A oportunidade surgiu por si mesma - e de uma forma tal que seria impossível e imprudente perdê-la, pois que poderia não aparecer de novo. Agarramo-la com unhas e dentes, é claro. Foi assim:

Convidados pelo Dr. José Simeão Leal, chefe do Serviço de

Documentação do Ministério de Educação e diretor da importante *Revista Cultura*, iamos em visita ao edifício do Ministério de Educação. O Dr. Simeão Leal nos convidara e se prontificara em nos servir de cicerone numa visita ao prédio, uma obra arquitetônica de grande importância, famosa em todo o mundo.

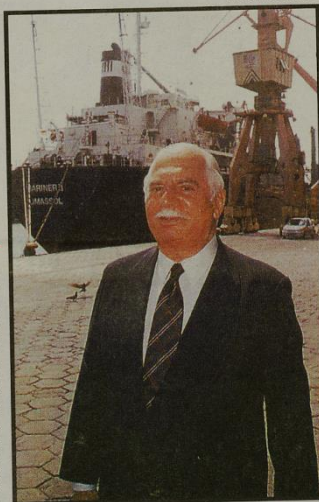
Perto de nós, no elevador que nos levaria ao nono andar, ao subirmos, lá uma figura magra, fina, pequena, de rosto miúdo e óculos acavalados no nariz. Donde a conheceríamos? Não sei se Pedro ou Eglê afirmou que era Carlos Drummond. Eu achei que não. Só o tínhamos visto anteriormente por fotografia ou desenho. Os outros não sei, mas eu até mesmo vendo as pessoas várias vezes sou péssimo fisionomista, quando

SÁBADO, 26 DE JUNHO DE 2004

Lembranças de dois patrícios, de um encontro na casa do “mestre” Graciliano Ramos, de cartas e de alguns poemas

POR SALIM MIGUEL *

A seguir, a outra carta e o soneto que a
acompanha:



Jorge Medauar, baiano de origem libanesa, que centrou sua ficção na cidade de Água Preta

"15/01/1997

Meu caro Salim Miguel:

Você fez muito bem em me enviar a autobiografia do velho tio José Miguel. Foi como se eu lesse a própria vida de meu pai. Que todos esses patricios têm a vida mais ou menos igual. Fui apenas trocando nomes de cidades, pessoas, professores de escola. No mais, são os filhos, o comércio, as comidas. De forma que esse livro, documentos do gênero que não existem, vale como um exemplo — e deve ficar para ser seguido, se é que ainda vivem outros — de aquela geração. Me dê notícias sempre — suas e da Eglê. Antes do Ricardo morrer, conversamos muito a respeito de vocês. Lá, vão abraços e as saudades do velho admirador e amigo,

Jorge Medauar

Jorge Medina

MEU NETO

Ergo-te agora em meus cansados braços,
que tanto labutaram nesta vida.

E sinto que me aflora aos olhos
baços
a gota de uma lágrima furtiva.

Bem sei que por misteriosos laços
minha vida na tua está contida.
E quando me descubro nos teus
traços,
quero que tudo em mim renasça e
viva.

Mas sei que vou partir, quando amanheces.
É fatal que se cumpra a lei da vida.
Enquanto digo adeus, vives e cresces.

Assim, pouco me importa esta partida,
se em meu lugar tu ficas,
permaneces
para que em teu sorriso eu
sobreviva."

Minha homenagem ao amigo e patricio é a transcrição de um soneto que não canso de reler e, por certo, ele conhecia:

O TEMPO (Sá de Miranda)

Pede-me o Tempo, de meu tempo
a conta;
e eu, para a conta, peço tempo ao
Tempo,
pois quem gastou sem conta tanto

há que ter tempo para fazer conta.

O Tempo, entanto, não quer ter em conta porque tal conta não se fez a tempo; bem quisera eu contar meu tempo em tempo se para contar tempo houvera conta!

Que conta há de bastar a tanto tempo,
que tempo há de bastar a tanta conta...
se quem vive sem conta não tem tempo?

Por isso estou sem tempo e sem ter
conta,
sabendo que hei de dar conta do tempo
quando chegar o tempo de dar conta!
(1481 - Tradução do original em
castelhano, por Heitor P. Fróes)

* Salim Miguel é escritor, autor de, entre outros, *Nur na escuridão* (Topbooks, 4ª edição) e *Mare Nostrum* (a sair pela editora Record).

016 – O amigo de todas as horas

MIGUEL, Salim. O amigo de todas as horas. *Diário Catarinense*. Florianópolis, n.56, 6 mar. de 2004. DC Cultura.



Cultura ⁵³

SÁBADO,
6 DE MARÇO
DE 2004, Nº 56

O amigo de todas AS HORAS

Educador Aníbal Nunes Pires vive na lembrança
de uma geração de intelectuais catarinenses

POR SALIM MIGUEL *

Indeciso, nem sei por onde começar. Penso em um, logo outro Aníbal me surge, e outro... No entanto, esses muitos são um só. Começo pelo professor, vocação inequívoca, que além de saber ensinar estava à frente de seu tempo; fazia de seus

alunos amigos e, por igual, ao mesmo tempo em que ensinava, aprendia com eles. Lecionava em várias escolas, Português ou Matemática, História, Geografia, Francês...

Medito, reconsidero. Onde fica o amigo de todas as horas, o pai de família, o incentivador (que se realizava vendo os demais produzirem), o conversador que sabia discorrer a respeito de tudo e, por que não, o apaixonado pelo jogo do bicho, afirmando, taxativo, que era uma das únicas instituições sérias no país, pois com um papulacho a pessoa recebia o que havia

ganho. Mas está na hora de começar. Foi conhecer o professor Aníbal Nunes Pires em fins de 1945, no Colégio Catarinense. Por certo eu já ouvira falar dele, mas não nos conhecíamos pessoalmente. Eu cursava o Clássico, matemática para mim era grego, não, não, do grego eu sabia uma que outra palavra, mas de matemática, zero.

Dois excepcionais professores da matéria, o Aníbal e o Pedro Bosco, declaravam ter uma frustração por não conseguirem me convencer da importância da mesma; o Aníbal ia além, me falando do forte componente poético inerente à, para mim, intragável matemática. Como sempre, faço torneios e me perco. No início do ano letivo, o professor, alto e bom som, disse que considerava um absurdo o mesmo programa de Matemática tanto para o Clássico como para o Científico; acrescentava: para as ciências exatas, tudo bem, para as humanas mal havia necessidade de rudimentos; no caso de um advogado, por exemplo, era suficiente saber extrair do alheio e multiplicar o próprio. Eu, que não pretendia ser uma coisa nem outra, levei o aviso ao pé da letra. Resultado, nas provas finais, dancei. Na segunda época, o examinador foi o Aníbal, que fez o possível



Em uma foto da década de 50, o professor Aníbal, homem conceituado que não abria mão do convívio com os promissores jovens "amaluçados" daquela época

e o impossível para que eu fosse aprovado. Em vão. Interrompi os estudos, mas fiz um amigo para todas as horas.

Para os jovens com pretensões artísticas, propostos a abalar a pasmaceira da Ilha, contar com o professor Aníbal era importante, com seu jeitão paciente e

tranquilo de ensinar aprendendo, logo se integrou ao grupo. A cidade estranhou que um professor conceituado, com quase 30 anos, perdesse seu tempo na companhia daqueles jovens "amaluçados", na faixa dos 20.

Todos os outros muitos Aníbal deixei

para os demais colaboradores desta mais do que justa homenagem. Contudo, não posso terminar sem duas breves anotações.

1 - Começamos a batalhar por um lugarzinho ao sol; começamos abrindo espaço nos jornais da terra, depois, num tabloide, *Folha da Juventude*, criamos uma página de arte moderna, dirigida pelo Aníbal. Não bastava, queríamos uma revista. Fomos à luta em busca de uma saída. Dinheiro para imprimi-la não havia. Ody Fraga e Silva sugeriu que montássemos um espetáculo teatral, com três peças em um ato. Numa delas, *O Homem da Flor na Boca*, lá estávamos o Aníbal Nunes Pires e eu, ambos sem nenhuma vocação para o palco, eu tímido e desajeitado, o Aníbal de voz rouca e falando para dentro. O importante foi o resultado, as três peças: *Como Ele Mentiu ao Marido Dela*, de Bernard Shaw; *As Estátuas Volantes*, de Jean-Paul Sartre e a já citada, de Luigi Pirandello, lotaram o teatro por duas noites. Além dos dois primeiros números da *Revista*, a bilheteria possibilitou um jantar comemorativo no Lira Tênis Clube.

Os jovens formaram o Círculo de Arte Moderna, que, em função da *Revista*, se tornaria conhecido como Grupo Sul. O editorial do primeiro número foi do Aníbal, que dizia sobre a *Revista*: "Sul se propõe, na medida das coisas possíveis, revelar os valores novos e acompanhar as idéias do mundo atual."

2 - O interesse do Aníbal abrangia todas as áreas da cultura. Só um pequeno exemplo: precisávamos de alguém para ilustrar um conto, ele chega com um rapazinho e diz: "está aqui o ilustrador, no futuro será um nome representativo nas artes plásticas". Tinha razão, o desenhista era Hiedy de Assis Corrêa, que logo se transformaria no Hassis.

(Fico por aqui. Muito mais teria para contar. Outros, por sua vez, enriquecerão o painel, nesta homenagem mais do que justa para o humanista e meu grande amigo Aníbal, a quem tanto devemos.)

* Salim Miguel é escritor, autor de *Nur na Escuridão*, *A Voz Submersa* e *1º de Abril - Narrativas da Cadeia*, entre outros.

017 - Outra coincidência

MIGUEL, Salim. Outra coincidência. *Diário Catarinense*. Florianópolis, 18 jul. de 2004. Donna DC, livro.

Salim Miguel

54

O caso é que com a idade a gente se esforça para se manter atento ao hoje, mas o passado, o ontem entranhado em nós, quer também espaço e vez

Outra coincidência

Desta vez, ao contrário da anterior, quando eram muitas as coincidências (e algumas ficaram fora do texto), é no singular mesmo. Um fato puxa outro, nem havia terminado a conversa vadia a respeito do Edison Cabral e uma voz lá de dentro me intima, e o Jairo Regis não merece?

O caso é que com a idade a gente se esforça para se manter atento ao hoje, as absurdidades do mundo em que estamos vivendo, mas o passado, o ontem entranhado em nós, quer também espaço e vez. A memória passa a ser reativada e lá do mais fundo sobem incidentes que marcaram nossa trajetória.

Foi, novamente, na redação da revista *Marchete*. O que não consigo recuperar é a data e se o Jairo já por lá se encontrava quando cheguei ou se eu chegara antes. Jovem, mas profissional tarimbado, trabalhava na assessoria de imprensa de um dos ministros de Jango, no entanto, ao contrário do Edison e de tantos outros que circulavam pela imprensa carioca naqueles anos, nunca consegui saber se também estivera preso. A não ser que de moto próprio a pessoa se abrisse, havia uma espécie de código, a praxe era não perguntar. Afinal podia ser alguém do nosso lado ou, comum naqueles anos de regime militar, "infiltrado".

Foi no final de um expediente, calorão danado, saídos do edifício na Praia do Russel construído por Niemeyer, resolvemos ir a um bar ali perto, sentamos, pedimos uma cerveja e uns beliscos e antes que o pedido chegasse perguntei algo que há muito queria perguntar, se ele tinha parentesco com uns Regis de Santa Catarina. A resposta foi um sucinto por quê.

Minha família morou por uns tempos em Alto Biguaçu, na casa de Dona Joaquina Regis, retruquei.

Rápido, com um ar galhofeiro, Jairo brin-

cou, ah, então foi teu pai que ficou devendo uns aluguéis da casa, vais começar pagando agora. As reminiscências jorraram e de meu lado não eram na verdade minhas, mas as que me contava minha mãe, tempos depois a família já residindo em Biguaçu. Creio que o mesmo ocorria com o Jairo, pois devíamos ser quase da mesma idade. Ele morava em Curitiba e seu pai vinha por vezes visitar a mãe e a respeito circulavam fantasiosas histórias. Era 1930, as forças getulistas avançavam, nossa casa e a de Dona Joaquina abarrotadas de refugiados de Florianópolis, boatos circulavam a respeito do pai de Jairo, o homem do Paraná do esquema getulista está aqui de novo, viera ver como iam as coisas no litoral e aproveitara para visitar a mãe.

Jairo e eu emendamos a conversa, permeada de dúvidas sobre realidade e fantasia e isto nos aproximou mais.

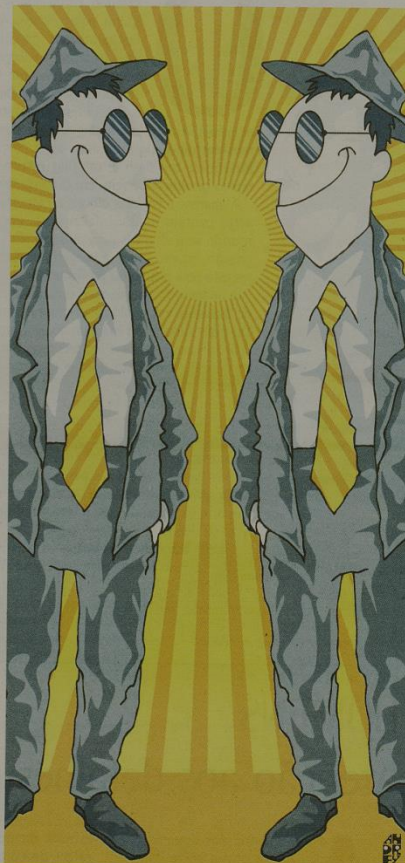
Não demora ele deixa as Empresas Bloch e ingressa no Grupo Abril, nossos contatos rareiam. Bem mais tarde, eu de volta a Florianópolis, toca o telefone. Era o Jairo com a mulher, estava dando um giro de carro e resolvera rever a ilha e então fiquei sabendo que também ele morava numa Ilha, Vitória, trabalhando para o Grupo Abril.

A última vez que nos vimos foi na capital do Espírito Santo. Eu tinha ido para um seminário dos órgãos de Cultura das capitais.

Telefonei para a casa do Jairo, mas a informação me abalou, ele tivera um enfarte seguido de um derrame, embora eu dissesse que não queria incomodá-lo, ele já soubera de minha presença e insistia para que fosse vê-lo.

A visita me abalou. Melhor, nos abalou. Mal conseguimos falar. Ver ali, assim largado e balbuciante, alguém tão inteligente que sabia curtir a vida, era horrível. Ao me despedir, na saída, insistiram para que eu voltasse. Disse que sim, mas não tive coragem, busquei até mesmo esquecer a visita para ver se permanecia dentro de mim o Jairo Regis de antes, pleno de vida e capacidade criadora.

**A visita
me abalou.
Melhor,
nos abalou**



Assine o DC

0800 644 4001

Assinaturas DC. Vale muito. Custa pouco.

18 DONNA DC 18 DE JULHO DE 2004

Diário Catarinense

MIGUEL, Salim. Coincidências. *Diário Catarinense*. Florianópolis, 20 jun. de 2004. Donna DC.

Salim Miguel

55

Nestes dias pela Ilha, o jornalista Édison Cabral circulou muito, de ônibus e a pé, melhor maneira de se conhecer uma terra e sua gente

Coincidências

Florianópolis hospedou, por alguns dias, o jornalista Édison Cabral, bom de escrita e bom de papo. Ele veio vender casa e terreno na Lagoinha, Norte da Ilha, e acabou recuperando suas raízes catarinenses. Ah, ia me esquecendo, Cabral é também bom garfo e copo, sempre com um cigarrinho de palha entre os dedos. Iniciou-se bem cedo no jornalismo, abandonando o curso de Direito; trabalhou em órgãos do porte do *Correio da Manhã* e *Última Hora*.

Em março de 1954, cobriu a viagem de Getúlio Vargas ao Estado do Amazonas; na comitiva ia o presidente da Petrobras, Plínio Cantanhede, que assistiria à abertura de um poço para prospectar petróleo na região amazônica. Isso ocorreu cinco meses antes de Getúlio se matar, deixando a *Carta Testamentária*, que inviabilizou a tomada do poder pelo grupo de Carlos Lacerda.

O título decorre do fato de, no final dos anos 60, estarmos ambos na revista *Manchete* e na *Agência Nacional*. Eram tempos difíceis, em que se pesava e media cada palavra, pois um novo conhecido podia ser alguém infiltrado. Não me lembro se foi durante o almoço na *Manchete* ou na redação da *AN*, que nos abrimos um pouco, Cabral dizendo que em 1964 estava em Brasília e eu retrucando que por lá estivera em 1963, a convite do jornalista Raul Ryff, ele necessitava de alguém para ajudá-lo na Secretaria de Imprensa do governo João Goulart. Só que não pude aceitar, porque minha mulher nem conseguia sair do apartamento devido ao clima de Brasília. Cabral brincou: então devo a você meus 12 dias de prisão

quando o Jango caiu. Respondi que o fato de não ter aceito o cargo não me livrou da prisão, só que seus 12 foram multiplicados por quatro, já que fiquei na prisão exatos 48 dias.

Isto nos aproximou. Cabral contou-me que seu pai era um daqueles nordestinos que vinham fazer o Sul, mas ao contrário dos outros ficara apenas o tempo suficiente para namorar e casar com uma jovem ilhoa. A mãe de Cabral era tia do deputado Ivo Montenegro, que ele só viria a conhecer anos mais tarde, em sua primeira visita a Florianópolis.

Aventureiro, Cabral largou a *Manchete* e criou com um amigo uma empresa de pesca no litoral fluminense. Fomos nos reencontrar anos mais tarde, eu na Editora da UFSC, ele na assessoria de imprensa da Editora da UNB.

Nestes dias pela Ilha, enquanto negociava o imóvel, circulou muito, de ônibus e a pé, melhor maneira de se conhecer uma terra e sua gente. Nesse retorno ao passado, queria saber mais a respeito de, entre outros, do escritor Othon D'Eça e dos professores Henrique Fontes e Barreiros Filho, de quem sua mãe lhe falava.

Em nossos bate-papos, sugeri que ele poderia dar um valioso depoimento sobre a segunda metade do século passado. Riu, tomou mais um gole da cachacinha, besliscou o recheio da tainha e, já meio ilhéu retrucou: Isto é pra ti, eu já parei de escrever. Pensei, deslavada mentira.

Urge concluir. Mas não tenho como deixar de lembrar outra coincidência: fui assessor de Imprensa do Conselho de Reitores das Universidades Brasileiras, no Rio de Janeiro. Quando o Conselho foi transferido para Brasília, quem assume meu posto? Édison Cabral.

Maktub, como diria meu pai.

"Isto é para ti, eu já parei de escrever", disse



019 - Um menino

MIGUEL, Salim. Um menino. **Diário Catarinense**. Florianópolis, 23 maio de 2004. Donna DC

Salim Miguel

Teria bem mais o que contar dessas vidas
que desabrocham, para as quais desejo
um mundo melhor, mais solidário

Um menino

Tem 10 anos. Tinha uns seis quando apareceu acompanhando a mãe, que vinha auxiliar nos afazeres domésticos. Cerimoniosos, apertamos as mãos, ambos tímidos. Minha mulher, que sabe cuidar de crianças do zero aos cem anos, logo foi perguntando se ele estudava, o que gostava de fazer, se queria um suco, uma fruta, um biscoito, mostrou as caixas de brinquedos, que vinham do tempo dos filhos, dos netos, aguardavam os bisnetos e alguma criança que aparecesse pela casa. Pôs à disposição a TV.

Se a mãe do menino não vinha todos os dias, ele menos ainda. Mas nas vezes seguintes já íamos além de um cumprimento formal.

Eu: Tudo bem?

Ele: Tudo. E o senhor?

Eu: Tá bom prum banho de mar, vamos...

Ele: Tá mesmo. Deixa eu pedir pra mãe.

Ah, ia me esquecendo, ele era tranquilo, sensível, inteligente. Já observara os livros do corredor e se aventurara até o escritório e minha mulher escutou-o dizer para a mãe: "Puxa como tem livro!".

Também brincava com meu neto de 10 anos, montavam casinhas, jogavam dominó, corriam pelo jardim, espalhavam os lagartos no quintal, se aventuravam até a praia.

Sem que a gente se dê conta o tempo escorre e mais rápido na medida em que envelhecemos. Não é que o menino já está com 10 anos e meu neto com quase 15... Ainda

brincam, bem menos, pois cinco anos são uma diferença enorme; meu neto, quando provocado costuma dizer, meio brincando meio sério, que tem mais a fazer do que se juntar a pirralhos.

Tudo bem. Só que novas crianças vão, a cada dia, aumentando a população e o rapazote, nosso vizinho, que cuida de nossa casa, nem mais rapazote é, já tem um filho de quatro anos.

Se o menino titular desta conversa é parco em palavras, este outro é monossilábico. Chega, vai entrando e é inútil provocá-lo, sai em busca de minha mulher. Ai sim, diz algumas palavras e pronto. Em compensação, meu neto de três anos, que mora em Brasília, mal chega é um matraquear contínuo, sendo sua palavra preferida "por que?", um "por que?" firme, diferente do titubeio em outras palavras.

Teria bem mais o que contar dessas vidas que desabro-

cham, para as quais desejo um mundo melhor, mais solidário, sem tantas desigualdades. Antes que meu espaço se esgote, volto ao menino de 10 anos: certo dia ele pede que a mãe se apresse, para ver quem aparece na TV, insistindo: "Olhe, é ele!"; noutra ocasião reclama porque na biblioteca de sua escola não existe nenhum livro do escritor que ele vira na TV. E agora o tenho surpreendido folheando um que outro livro da estante e se divertindo com as charges do Bonson.

Observe, antes do ponto final, que não revelei o nome dessa turminha: Vitor; o de 10 anos; Jorge Luiz, quase 15; Fábio, quatro; Francisco, três.



020 - O passado presente

MIGUEL, Salim. O passado presente. *Diário Catarinense*. Florianópolis, 25 de abr. de 2004. Donna DC

Salim Miguel

No sarau com remanescentes do Círculo de Arte Moderna, há poucos dias, remoei mais de meio século: voltei a sonhar os incontáveis sonhos dos adolescentes

O passado presente

Há poucos dias, num passe de mágica, remoei mais de meio século. Devo o fato inusitado a Kátia Klock, que realiza um documentário sobre a Florianópolis dos anos

40 e 50 e o Grupo Sul.

Voltei a sonhar os incontáveis sonhos de todos os adolescentes e tenho (quase) certeza de que o mesmo ocorria com os demais remanescentes do Círculo de Arte Moderna (CAM), que atenderam ao convite para o sarau num acolhedor restaurante em Santo Antônio de Lisboa.

Éramos uns poucos: Adolfo Boos, Archibaldo Cabral Neves, Eglê Malheiros, Miro Moraes, Silveira de Souza, Walmor Cardoso da Silva, Tércio da Gama e este escriba. Certamente no transcorrer do papo, bem à vontade, transitaram por ali o Aníbal Nunes Pires, o Antônio Paladino, Toninho para nós, o Elío Balsaedt, o Ody Fraga, o Marcos Farias, o Hamilton V. Ferreira, o Jason Cesar, o Adélcio Costa, o Valter Wendhausen; bem como foram lembrados os que, por diferentes motivos, não quiseram ou não puderam comparecer.

De que falamos? De tudo e de nada. Tentamos, acionados pela Kátia, recuperar o tempo perdido, entregues a essa memória, que tem um método todo pessoal de revela-esconde e, em muitas ocasiões, escamoteia o que desejaríamos revelar e revela o que nos interessaria esquecer.

Penso já ter dito lá no início que o documentário ambiciona situar, num contexto abrangente, não apenas o movimento cultural que se tornaria conhecido como Grupo Sul, mas também a pacata Ilha de então, onde todos se conheciam.

Para não invadir o terreno do documentário, não pretendo resumir o que se conversou, mas deixo algumas pistas: Archibaldo diz que continuou escreven-

do, leu um trechinho de um conto, embora não pretenda publicá-lo; Walmor negou sem muita convicção que tenha uma arca igual à de Fernando Pessoa; Miro leu as primeiras linhas de seu novo romance e, por insistência, o poema publicado no último número da revista Sul; Silveira de Souza disse, e muito bem, um poema do Drummond e garantiu que agora termina a prometida novela; Boos se recusou a ler um texto de seu livro publicado pelas Ed. Sul, mas brindou a todos com fragmentos de um excelente conto nem tão recente; Eglê escolheu o início e o fim de um poema; eu, que não sei de cor nada meu, disse trechos de três poemas que me acompanham desde sempre, um deles do poeta português José Régio, que marcou a trajetória da maioria dos componentes do CAM: "Não sei para onde vou, nem sei por onde vou, só sei que não vou por aí." Os versos traduzem o que pretendíamos, mexer com a pasmaceira e contestar os valores preestabelecidos. Tércio se recusou a desenhar os participantes da reunião, mas fez questão de concluir o poema do Augusto dos

Queríamos mexer com a pasmaceira

Anjos que eu iniciara.

Falou-se muito da Livraria Anita Garibaldi, ponto de encontro diário: Miro, como não tinha dinheiro para comprar *A Crítica da Razão Pura*, de Kant, lia duas páginas por dia, e o livreiro escondeu o exemplar único para que ele pudesse continuar a leitura; Silveira revelou que comprara a obra completa de Shakespeare em módicas prestações mensais; Tércio não esquece seu primeiro contato com álbuns reproduzindo as grandes obras de arte; comentou-se que o livreiro via amigos surrupiando livros, mas deixava que os levassem.

Não ia dizer nada e acabei falando muito. Concluo com a brincadeira do Walmor: por que não se ressuscita a revista, que durou 10 anos, nem que seja um número único para acompanhar o documentário da Kátia.



Diário Catarinense

22 DONNA DC 25 DE ABRIL DE 2004

021 - Aluga-se uma árvore

MIGUEL, Salim. Aluga-se uma árvore. *Diário Catarinense*. Florianópolis, 29 de fev. de 2004. Donna DC.

Salim Miguel

58

A praia é e já não é a mesma - e as gentes também não. Ele era um sobrevivente num mundo que desconhecia, embora teimasse em reconhecer

Aluga-se uma árvore

Desde muito, desde sempre, toda manhã, mais cedo, mais tarde, dependendo do sono, o homem sai, atravessa a servidão, em poucos minutos está na praia da Cachoeira do Bom Jesus. Primeiro ritual: mergulha um pé, depois o outro, para sentir a temperatura da água. Depois, imóvel, estático, olhos fechados, indeciso, pensa: vou para a esquerda, em direção a Canasvieiras, ou para a direita, até a Ponta das Canas. Distância aproximada, tanto para um lado quanto para o outro, em torno de uma hora. Começa com ritmo lento, que aos poucos vai se acelerando. Em geral, prefere Ponta das Canas, pois encontra muito menos gente e não tem que se deter, apenas diz um olá, bom dia, como vai, que dia esplêndido, vem chuva por aí, ou simplesmente abana num gesto de reconhecimento.

Já está no mesmo lugar de onde saiu e mergulha para se refrescar. Miraculosamente, uma cadeira de praia está no ponto exato onde se senta e, de novo, olhos fechados, mergulha nem ele mesmo sabe em quê. Ao abri-los, o mar pode estar verde, azulado ou opaco e lá do outro lado divisa São Miguel e Ganchos; atrás dele, os morretes já nem tão intocados, pois de vez em quando se nota uma clareira ou uma casa que acabou de ser erguida.

A praia é e já não é a mesma; a boca mudou muitas vezes de lugar e a maré alta cameu um pedaço da praia.

As gentes, também as gentes, cadê o casal de meia-idade, ele sempre um pouco à frente, ela tentando alcançá-lo, cadê a velha senhora, que parecia imorredoura, sempre elegante, se abaixando para juntar conchinhas, cadê os quatro jovens que pareciam ressumetos das águas do rio Biguaçu, cadê...cadê... ele um sobrevivente

num mundo que desconhecia, embora teimasse em reconhecer.

Levanta-se. Miraculosamente a cadeira de praia se evapora e ei-lo num tornaviagem que faz parte de sua rotina. O que não faz parte é o que agora enxerga, no terreno baldio, sob a árvore que se recusa morrer, uma família, casal de meia idade, quatro filhos. O pai se dirige para a praia, a mãe atarefada interfere: João, não intica com o Antônio, Sônia, dá uma olhada no Paulo, Realidade ou uma ilusão dos sentidos, ter-se-iam apoderado da árvore, seria a primeira vez ou, desinteressado do agora, das coisas mais recentes, não se dera conta daquela insólita presença?

O homem pára na metade da servidão. Encosta-se ao tronco de um eucalipto, sente na barriga o pinicar do arame farpado da cerca.

**Num átimo,
está
quarenta
anos mais
moço**

Num átimo está quarenta anos mais moço. Acaba de chegar a Canasvieiras. Pára a Kombi diante de um dos amplos terrenos de que está repleta a praia. Neste há uma casinha, o homem bate palmas, uma senhora idosa aparece à janela, diz: Veio cedo hoje. Ele explica: Queremos aproveitar o dia esplêndido. Ela aconselha: Aproveitem mas se cuidem, o solão não está para brincadeira. Entrem.

A Kombi estaciona perto das pitangueiras, carregadas das saborosas frutinhas vermelhas. Os quatro filhos e os sobrinhos se põem a saborear as pitangas. É tudo tão gostoso que não se dão conta de que o dia se foi.

Na despedida, a caseira satisfeita com a gratificação, se despede: Voltem logo.

Era fins de março, de 1964, este logo só viria a ocorrer anos depois e aí os filhos já seriam adolescentes, e não mais quatro, a eles se juntou no colo da mãe o temporão Luis. Também a praia mudou, em lugar das chácaras, casas de todos os tipos pontilhavam a orla marítima. Difícil era encontrar pitangueiras.



Diário Catarinense

MIGUEL, Salim. A diaba da diabete. **Diário Catarinense**. Florianópolis, 1 de fev. de 2004. Donna DC.

Problemas de visão muitos têm, uns, no meu caso, motivados pela diabete, embora eu tenha apenas cinqüenta e três anos

A diaba da diabete

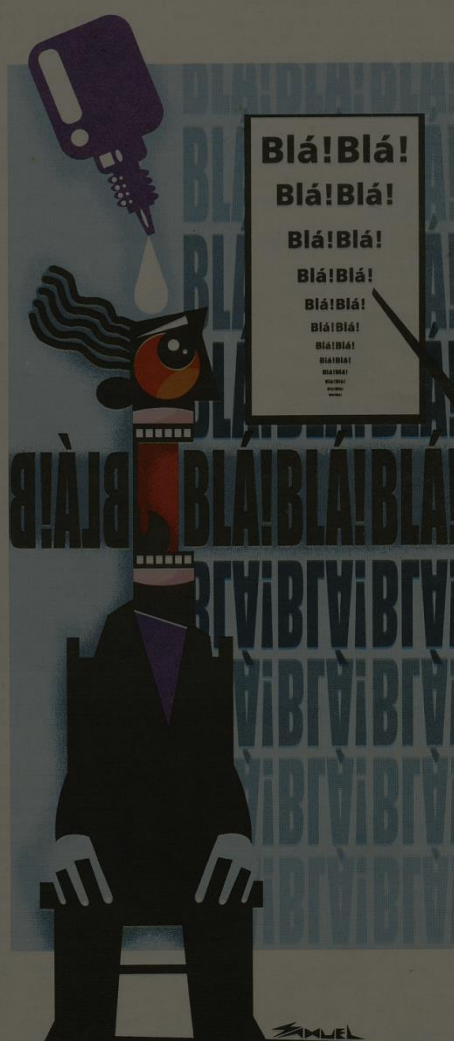
Namor no escuro é gostoso, né? No de antes, me lembro, eu girizote ia pra debaixo de uma árvore frondosa, de galhos bem baixos, com a menina, tentando desvendar os misteriosos mistérios do sexo. Entra, santa, pra que dizer "dá licença", a saleta não é minha e mesmo que fosse, nós estamos aqui de passagem, aqui e no mundo, quero dizer. Com tua entrada o clima se foi. Se estás aqui o caso deve ser parecido com o meu. Não demora a jovem simpática e bonita vai aparecer, ei-la, não te disse, ela pede: "levante a cabeça, abra bem os olhos, pegue esse algodãozinho, vou pintar uma gotinha em cada olho, feche eles por um ou dois minutos", não demora volta, na terceira vez acende a luz, para ver se dilatou a pupila, o colírio arde um bocado. Este doutor Henrique é competente, atencioso, mas um sádico; minucioso paça. Minha mulher me

Esse doutor
Henrique é
competente,
atencioso,
mas sádico.

cutuca, deixa o homem falar; deixá-lo eu deixo, percebo pelo silêncio seu interesse em me ouvir, não é? Te explico, a diaba do diabete é silenciosa, num de repente ela me atacou. Eu, um domingo de calor, vai pra ano e meio, o mar ali pertinho, fui dar umas bragaças, cá n'água, nadei, mergulhei, tão bom! nem senti o derrame, braço direito e pernas imobilizados, vista turva, ia afundando, gritei por socorro, mal consegui chegar à praia. Tu assim desde criança, dizem que tu és sorte, com fisioterapia fiquei quase bom de tudo, menos da visão. Bela sorte! aconteceu que sou cabeleireiro profissional, por vocação desde criança, não sei nem gosto de fazer outra coisa. Lido com o cabelo do mulhêro de qualquer idade, o corte mais curto ou mais comprido, liso ou ondulado, crio penteados especiais para cada tipo de festa, muitas vezes pedem-me que decida por elas. Vêm freguesas de tudo quanto é canto, passar por minhas mãos; conversa-

mos, ouço histórias, mas sou discreto; ainda agora me param na rua, querem saber quando volto, e lá sei eu, tive de arrendar o salão; o doutor reticencioso, cauteloso. Desculpa, começo a falar, me emociono e empolgo, sou de Imbituba, conhece? Se não pisa por lá há quase trinta anos, então desconhece, a terrinha mudou muito, pra melhor e pra pior, a ICC por exemplo, poluiu o mar, acabou com a pesca, em compensação distritos foram transformados em pontos turísticos e, faz pouquinho, navios carregados de carvão voltaram a singrar nossas águas. Minha mulherzinha aqui não me deixa mentir, embora continue me cutucando pra mode eu calar. Quer que me cale? Mas viu, ele não quer. Agora "com licença" peço eu, preciso ir no sanitário, volto logo.

tenho muito ainda o que contar até que o Doutor me chame. Como pode ver, minha mulher vai e volta como já... Não disse? Matruque muito, é da profissão, enquanto vou caprichando na arrumação dos cabelos de velhas, velhotas, moças, mocinhas, meninas, pro tempo escorrer a falação é importante, o que mesmo... vocação de imbitubense, tu dizes, então o outro que esteve nesta salinha esquece também não sabia para é que com teu silêncio interessado tu provocas. Problema de visão muitos têm, uns, meu caso, motivados pela diaba da diabete, embora eu só tenha cinquenta e três anos; outros, como no teu, velhice, malféfico do viver pra'ém da conta. Se me queixo, dizem, sim, destino, está escrito na linha da tua mão, na de cada vivente e logo me alembam do sucedido com meu pobre cunhado, jovem brilhante engenheiro em início de promissora carreira, como se a desgraça dos outros, mesmo não sendo parentes, me conformasse... Ei-la de novo, a jovem, quer dizer que tá na minha hora de enfrentar o Doutor. Com certeza iremos nos ver de novo por aqui e, se lhe interessar, conto o ocorrido com meu cunhado. Até mais ver...



023 – Pinóquio em nova jogada

MIGUEL, Salim. Pinóquio em nova jogada. *Diário Catarinense*. Florianópolis, 4 de jan. de 2004. Donna DC.

Salim Miguel

Enquanto o boneco falava, seu nariz continuava a crescer. Gepeto jamais o imaginara tão fantasista, tão tinoso, cheio de invencionices

Pinóquio em nova jogada

Mestre Gepeto estava irritado, não demora perdeu o restinho de paciência. A oficina era uma só bagunça com as coisas espalhadas por lugares onde era impossível encontrá-las. Por mais que se esforçasse, Mestre Gepeto não tinha como imaginar de que maneira os objetos haviam trocado tanto de lugar, como se algum duende houvesse criado tamanha bagunça. E ele queria trabalhar. De que maneira?

Pinóquio entrou feito um furacão, começou a puxar os trastes, atirando-os de um lado para outro, aumentando a confusão, sacudia a cabeça; de resmungos passou para gritos. Por fim, sentou-se nos fundos da oficina, quase escondido pela tralha. O mestre mal escutou:

- Não serve, nada serve.

- O que é que não serve? - perguntou, sem obter resposta.

Não era a primeira vez que o fato se repetia. Precisava dar um tempo até que Pinóquio se acalmasse e depois explicasse o que acontecera. Mestre Gepeto ficava pensando por que tinha aceito a sugestão daquele tal de Colodi, o escritor, que lhe dissera:

- Mestre, tu que sabes fazer tantas coisas bonitas com madeira, por que não fazes um boneco?

Relutou, mas a idéia ficou-lhe dentro da cachola, desceu para as mãos e não demora lá estava, inteirinho diante dele, o Pinóquio, todo feito de madeira. Só que jamais o imaginara tão fantasista, tão tinoso, tão cheio de manhas e invencionices, pouco se importando que, com as mentiras, o nariz fosse crescendo.

Pinóquio não se emendava, sempre precisando de remendos por toda parte do corpo. Depois de um tempão encolhido no seu canto, levantou a cabeça e falou de maus modos:

- Mestre Gepeto, me arranja outra perna, do joelho para baixo, olha só como ficou esta, mas me escolhe madeira da boa, não uma porcaria qualquer.

Só aí o Mestre se deu conta: a perna esquerda do moleque estava uma lástima...

- O que te aconteceu? - perguntou.

- Nada não.

- Como "nada não", se saíste daqui com a perna perfeita e voltas com ela assim!

- Puxa, como és curioso!

- Não, apenas gosto de ser informado.

- Tudo bem. Te conto. Saí daqui para me integrar à seleção italiana, que ia jogar com a seleção brasileira, lá no Maracanã, no Rio de Janeiro. Saí com um frio danado de inverno e cheguei lá com um calorão desgraçado de mais de 40 graus.

À medida que Pinóquio falava, seu nariz começava a crescer. Ele levantou as mãos procurando escondê-lo, mas o apêndice nasal avançou-lhe por entre os dedos.

- Teve início a partida, com o maior estádio do mundo lotado, mais de cem mil pessoas. Foguetes, vivas, olas e eu na reserva. Terminou o primeiro tempo, o Brasil vencendo de um a zero, gol do tal de Pelé e eu na reserva.

- Quem é o tal de Pelé?

- Ora-ora, és a única pessoa que não conhece aquele que era o maior jogador do mundo. Agora é o segundo...

- Segundo?

- Já explico, o primeiro agora sou eu. Começou o segundo tempo e eu na reserva. Faltavam vinte minutos para terminar o jogo, nossos jogadores caindo pelas tabelas, pois não aguentavam o calorão, quando o técnico foi obrigado a me escalar. Na minha primeira bola fui driblando todo mundo. Perto do goleiro, o excelente Gilmar, chutei, ele pulou para o canto certo, mas a bola, perto da mão dele, fez uma curva, espécie de L, e balançou a rede lá no outro canto. O estádio emudeceu. Dada a saída, a bola logo veio para meu pé. Avancei. Ai o sacana do Pelé, para que eu não fizesse o segundo gol, me deu uma rasteira e acabou com a minha perna. Olha só!

Enquanto Pinóquio falava, seu nariz continuava a crescer. E para poder sair pela janela, o nariz fez o mesmo trajeto e a mesma curva que a bola fizera para entrar.

Quem quiser que conte outra...



024 – Quarenta anos depois

MIGUEL, Salim. Quarenta anos depois. **Diário Catarinense**. Florianópolis, 28 de mar. de 2004. Donna DC.

Salim Miguel

Lembro da facilidade com que de um dia para o outro Jango se foi. Lembro dos vitoriosos, espantados, sem saber o que fazer. Lembro da minha prisão

Quarenta anos depois

Eas consequências, as múltiplas seqüelas permanecem.

Com frequência me perguntam, ainda mais agora, qual foi, para mim, o momento mais traumático do golpe. Francamente não sei. É que, me esforço sem conseguir dissociar o pessoal do coletivo.

Por vezes me parece que tudo ocorreu ontem, em outras ocasiões que já transcorreu mais de um século.

Agora tento me concentrar. Lembro da antevéspera, a discussão que tive, quando alguém me dizia que tudo estava sob controle, as massas com Jango, o general Assis Brasil afirmando que as Forças Armadas estavam com o presidente e eu retrucando que vivíamos em países diferentes, lembro da facilidade com que

Florianópolis, marcada, jamais voltaria a ser a mesma

de um dia para outro Jango se foi e os vitoriosos, espantados, sem saber o que fazer, lembro de minha prisão no dia 2 de abril, pois jamais imaginamos que tal fato possa ocorrer conosco. Logo em seguida, dias depois, no alojamento do Quartel da Polícia Militar, fiquei sabendo que também minha mulher havia sido presa.

No entanto, se fosse obrigado a escolher qual o momento mais impactante, creio que nem teria necessidade de pedir tempo para decidir. Foi quando fiquei sabendo da queima da Livraria Anita Garibaldi, que embora não fosse mais minha continuava sendo conhecida como A Livraria do Salim. A partir daquele fato, único na história do país, Florianópolis jamais voltaria a ser a mesma, marcada para sempre por um acontecimento que uns poucos conheciam pela leitura dos livros *Auto de Fé* do Canetti e *Fahrenheit 451* do Bradbury.

Ainda não éramos os sessenta, porém lá estavam no alojamento uns quarenta, vindos das mais diferentes regiões do

Estado e das mais diferentes profissões, tentando nos conhecer um pouco, afastar o temor, descobrir se não havia alguém infiltrado, sondando oficiais e soldados que nos vigiavam.

Eu estava lendo, estirado em meu canto, envolvido nas tramas do *Quarteto de Alexandria*, romance de Durrell, quando alguém me cutuca, diz, cara, tão te chamando. Me levanto, vou até um grupinho que estava atento às palavras de um novo prisioneiro. Pedem, repete pra ele. Ouço: táva contando pra eles que arrombaram a porta, jogaram os livros na praça, queimaram a livraria dum tal de Salim, eu não vi, nem sei mais nada, me contaram.

Só fiquei sabendo dos detalhes tempos depois já solto, bem como o nome do chefe e de seus dois principais asseclas. Era um grupelho, que tentava envolver os curiosos. Na manhã seguinte via-se no local um montinho de cinza que aos poucos ia sendo arrasastado pela aragem.

Solto, procurei me informar, havia porém um temor até que justificado, as pessoas recusavam tocar num

tema tabu, na imprensa nada encontrei e só há pouco um amigo, vasculhando os jornais da época, deu com um registro nas páginas de *A Gazeta*, pelas absurdidades que contém reflete bem a época.

Em meu livro *Primeiro de Abril*, narrativas da cadeia, publicado pela Editora José Olympio-RJ em 1994, procurei deixar meu depoimento e no capítulo *A Fogueira*, com os elementos que consegui recolher, busquei resgatar o episódio, que marcaria para sempre a história da pacata Florianópolis. E muito embora já soubesse o nome dos principais responsáveis, me recusei lhes citar os nomes que hoje são conhecidos por toda a população. Continuo ainda pensando da mesma maneira, pois queimadores de livros nem merecem ter nome preservado.



Diário Catarinense

MIGUEL, Salim. Diálogo (11). *Diário Catarinense*. Florianópolis, 7 de dez. de 2004.
Donna DC

Salim Miguel 62

Se antes chamar alguém de manezinho
era motivo até de briga, hoje todos
brigam para ser manezinhos

Diálogo (II)

1 -

Tamos em débito.
2 - Tamos?
1 - Tamos.
2 - Me explica.
1 - Desprecisa, tu-
mentendes, cara.
2 - GuimarãesRosea-
no...
1 - Não.
2 - Sim, inventando

palavras que inexistem.

1 - Passaram a existir. E tu, um borgeano, me
diz do débito...

2 - Te alembra do Diálogo I?

1 - Alembro.

2 - Então precisa o II, já faz
tempo, nem sei se o provável
leitor ainda se alembra do I.

1 - Pra arrematar, já que a
palavra passou a existir, des-
precisa.

2 - Precisa, cara, como en-
tender o I, bastaria a palavra
diálogo. Que nada, o II é um
recurso explicativo.

1 - Besteira, além disso fica-
mos devendo ao leitor, se o tí-
tulo era Diálogo I, ele ficou es-
perando o Diálogo II.

2 - Que nada, desagradamos, desnorreamos.

1 - Discordo.

2 - Sem explicitar os dialogantes, com aquela
pletora de letras do alfabeto.

1 - Tu dizes sempre que necessitamos acredi-
tar no leitor, ativá-lo.

2 - Foi o que a gente fizemos.

1 - Me justifica o fato dos manezinhos.

2 - Não falei nada de mal, disse apenas que
era, e reafirmo, uma apropriação indébita, no de
antes depreciativo, agora honraria disputada. Re-
pito, se no de antes chamar alguém de manezi-
nho era motivo até de briga, no de hoje, ao con-
trário, todos brigam pra ser manezinhos.

1 - É um processo pelo qual passam as expres-
sões modificando-se seu sentido original, quem
pode explicar melhor é o Jair Francisco Hamms,
nossa mistura de Aurélio e Houaiss.

2 - Me diz, te pergunto, era essa conversada
ambos tomando o tempo precioso do leitor.

1 - Que lugar comum cara pálida...

2 - E tu, e tu...

1 - Afinal o que pretendíamos, me diz?

2 - Continuar o papo para cumprir o espaço
que nos é destinado.

1 - E agora?

2 - A saída é falar e com razão, do crescimen-
to desordenado da cidade, da violência, os exa-
geros da propaganda errônea, insistindo que to-

**Ficamos com
um turismo
predatório
e nada de
bom surgiu**

dos deviam vir para a Ilha, paraíso, agora ex-pa-
raíso, prisioneiros que hoje somos, nossas casas
gradeadas, nossos apartamentos vigiados vinte e
quatro horas por dia, e é preciso levar em conta
que, proporcionalmente em matéria de violência,
estamos chegando ao nível dos grandes centros,
pois a Ilha cabe todinha num bairro do Rio ou
de São Paulo e ainda sobra bairro. A verdade é
que nós estamos rodeados de malfeteiros, de to-
das as categorias.

1 - Uf, dá um tempo, anotei duas coisinhas do
teu desarrazoado desabafo, um que estás na
chamada terceira idade, pois a palavra malfetei-
res caiu em desuso, hoje são assaltantes crimino-
sos, membros de um governo paralelo. E dois,
que não gostas da Ilha.

2 - Pelo contrário, acertaste
no malfeteiros, e já estou qua-
se na quarta idade e ernaste no
que se refere à Ilha, gosto dela
sim e muito, por isso reclamo e
desabafo, porque perdemos a
que tínhamos em qualidade de
vida, ficamos com um turismo
predatório e nada de bom sur-
giu... Tanto gosto dela que
mal amainou a ditadura, me
apressei em voltar e não pre-
tendo sair daqui.

1 - Mesmo depois do apagão?

2 - Mesmo, isso já aconteceu em outras ban-
das. Desabafei, precisava, ficas aí me provocando.

1 - Desabafaste, desabafamos à sombra da se-
cular figueira, com o também secular velhinho
sempre nos observando de seu banco de cimen-
to e anotando este papo interminável.

2 - Quer dizer que está na hora de terminar?

1 - Quem sabe! Por enquanto. Pela lógica, de-
pois deste II, deve vir o III.

2 - Vamos a um cafezinho?

1 - Sim, só que hoje em outro lugar, lá na
Chácara do Espanha, na nova livraria da cidade,
a da Letras Contemporâneas, do Fábio.

2 - Vamos ver, será que existe espaço para no-
vas livrarias, quando o livro se torna mais caro
para uma população que pouco lê e que por
vezes não tem nem como comprar o pão do cor-
po, quanto mais o pão do espírito?

1 - Outro lugar comum, outro chavão. Então
deve ser missão do governo ajudar a resolver
isto, melhorando a qualidade do ensino, chama-
do a atenção para a importância do livro e
abrindo bibliotecas em escolas e bairros.

2 - Acertaste, quem sabe algum governante
toma consciência dessa verdade. Afinal, vamos
ou não ao café da nova livraria?

FORAM.



026 – Diversidade e Unidade.

MIGUEL, Salim. Diversidade e Unidade. *Diário Catarinense*. Florianópolis, 22 de nov. de 2003. Donna DC

DC *Cultura*

Editor: Dorva Rezende (48) 216-3590 - e-mail: dorva.rezende@diario.com.br
Diagramação: José Francisco da Silva (48) 216-3571 - e-mail: chico.silva@diario.com.br

SÁBADO, 22 DE NOVEMBRO DE 2003

Diversidade e UNIDADE

Trechos do discurso lido durante a entrega do Troféu Juca Pato 2003 ao professor Gilberto Mendonça Teles

POR SALIM MIGUEL *

Não é nada fácil discorrer sobre a multifacetada trajetória de Gilberto Mendonça Teles. Ainda que não seja os 300, 350 de que nos fala Mário de Andrade em seu poema, existem, sem qualquer sombra de dúvida, vários Gilberto. Poeta, professor, crítico, ensaísta, pesquisador do fato literário, antologista, conferencista, parceiro em numerosas coleções, incentivador de jovens, eis aí algumas, sem serem todas, as facetas de sua vida e obra. Sensível, culto, apaixonado por tudo que faz, dedica-se com empenho tanto a um poema, quanto a uma crítica ou pesquisa.

A propósito de sua trajetória e de sua coerência, aproprio-me do título de um ensaio de Jacinto do Prado Coelho sobre Fernando Pessoa: *Diversidade e Unidade*.

No pós-guerra (1939-45), jovens por todo o país, ansiosos por se manifestar, buscavam abrir espaço nos meios de comunicação. Os jornais e revistas eram bem mais numerosos e não se mostrava difícil ter um poema, uma crônica, um conto em letra de forma. Ainda assim era insuficiente; daí partirem para suas próprias publicações. Em Goiânia e em Florianópolis não foi diferente. Logo os jovens estavam intercambiando suas publicações e foi assim que, entre outros, tomamos conhecimento das primícias de um Bernardo Elis e um Eli Brásiliense. Porém, não me lembro de qualquer texto do Gilberto.

Em 1954, participei do Congresso de Intelectuais, realizado em Goiânia, e fiquei conhecendo a maioria de seus escritores, velhos, bem jovens, menos jovens. Não Gilberto, ainda que ele certamente já devesse mostrar seus originais para outros jovens, como era comum na época, e até mesmo publicá-los, pois no ano seguinte, 1955, aparecia seu livro de estreia: *Alvorada*. Em 1956, novo livro: *Estrela-d'Alva*. E Gilberto não parou mais de publicar. Como sói acontecer em tais casos, e continua acontecendo em nossos dias, edição local, que deve ter ficado restrita à região. Examinado à distância, pode-se perceber que, neste primeiro livro, está presente aquilo que marcaria a obra poética de Gilberto Mendonça Teles e a sua constante experimentação formal no trato com a coisa poética, sem se desviar de sua proposta: lirismo, sensualidade, morte, humor, amor. No trecho a seguir de um poema deste primeiro livro, pode-se adivinhar o leitor de Cruz e Sousa: "[...] Soltei as

Intelectual do Ano 2003, o poeta e professor Gilberto Mendonça Teles no escritório de seu apartamento em Copacabana, no Rio de Janeiro

vossas asas torcidas/ de ânsias, desilusões e desventuras/ e volitai nas siderais alturas/ de esperanças e sonhos estreladas/ Rompei as brancas túnicas das eras/ e dos seios ignotos das esferas/ e dos lúcidos astros de granito [...], do soneto *Eternidade*.

Quando tive em mãos um livro do Gilberto, *A Raiz da Fala*, de 1972, ele já havia publicado vários e tinha um lugar definido na poesia brasileira. Por essa época vim a conhecê-lo. A respeito de sua poesia, Drummond já dissera num poema: "Mostrar - com um ou com dois eles/ no nome - que ciência e poesia/ em Gilberto Mendonça Teles/ são acordes de uma harmonia". E Fábio Lucas dizia: "Competente colecionador de palavras, desbravador de horizontes metafísicos, em cujo livro *Sintaxe Intus*, a infância e a morte balizam um imenso domínio de emoção poética". Em *A Raiz da Fala* temos um poeta maduro, dono de seu peculiar fazer poético. Paralelamente, ia se tornando conhecido e admirado como professor e crítico.

Gilberto nasceu em 30 de junho de 1931, em Bela Vista de Goiás, Estado de Goiás. Fez seus estudos em Goiânia, onde se formou em Letras Neolatinas na Faculdade de Filosofia da Universidade Católica de Goiás e em Direito, na Universidade Federal do mesmo Estado. Fez especialização na Universidade de Coimbra e doutorou-se na PUC do Rio Grande do

Sul. Iniciou suas atividades profissionais em Goiânia. Na segunda metade dos anos 60 já se encontrava em Montevideu, onde, em 1969, foi atingido pelo AI-5. Ao contrário de outros brasileiros, que se exilaram em diferentes países, ele optou por retornar ao Brasil, radicando-se no Rio de Janeiro. Foi professor na Universidade Federal Fluminense e na Universidade Federal do Rio de Janeiro. Recebeu numerosas condecorações e prêmios, sendo o primeiro em 1955, da UBE de Goiás, pela publicação de *Alvorada*; em 67, foi homenageado pela Associação Estudantil Brasil-Uruguay, em Montevideu. Em 1987, foi condecorado pelo governo de Portugal com a Ordem do Infante Dom Henrique, no grau de Comendador; em 1998, em Santa Catarina, recebeu a Medalha de Mérito Cruz e Sousa do governo estadual. Dos prêmios recebidos, destaca-se o Machado de Assis, da Academia Brasileira de Letras, pelo conjunto de obra, em 1989.

Seu currículo é extremamente extenso e sua bibliografia ativa e passiva também. Sua fortuna crítica, em livro, começa com *O Poeta da Linguagem*, de José Fernandes, em 1983. O mais recente é *Uma Letra por Goiás: A Safocilogia de Gilberto Mendonça Teles*, de Carmelita de Melo Rossi, em 2002. Isso nos leva a outra constante na escrita do autor, o jogo e o brincar com as palavras que está presente,

até mesmo, em títulos como *Sachologia* (Goiânia, de 1982, e *Falavra*, de 1989).

Dissemos acima que são muitos os Gilberto Mendonça Teles e que não seria fácil nos manifestarmos a respeito de todos eles. Por isso nos limitamos a breves anotações e a falar mais do poeta, pois cremos que nele se sintetizam todos os outros. Como crítico e ensaísta ele vai até o mais profundo da proposta do autor analisado, tanto num livro de poesia quanto de contos, romances ou outro gênero qualquer. Livros seus foram publicados em vários países; ele tem a clara visão de que é tão importante editar um livro na Espanha (*Casa de Vidrio*, Luso-espanhola de ediciones, 1999), na França (*L'Animal*, L'Harmattan, 1990), Portugal (*Falavra*, Dinalivros, 1989), como em Joinville (*Alibis*, Sucesso Pocket, 2000).

Outra faceta de sua preocupação é o fato de se deter, com igual acuidade, buscando resgatar a visão íntima do autor, seja no livro de um poeta ou contista novo, como na análise de um Drummond ou Camões.

Falei, principalmente, do poeta, mas não poderia deixar de me referir ao professor que, em várias partes do país e do exterior, ajudou a formar gerações, e ao crítico e ensaísta com textos modelares, e especial, *Vanguarda Europeia e Modernismo Brasileiro: Apresentação e Crítica dos Principais Manifestos Vanguardistas*, Editora Vozes, 1976, hoje um clássico no gênero. Devo também citar *Camões e a Poesia Brasileira*, Imprensa Nacional - Casa da Moeda (Lisboa), 2000, *Estudos de Poesia Brasileira*, Almedina (Coimbra), 1985 e *Contramargem: Estudos de Literatura*, PUC-Rio/Loyola, 2002.

A nova e ampliada edição de *Ilona Abercrombie: Poemas Reunidos*, Editora Vozes, 2002, nos dá uma visão da importância poética de Gilberto Mendonça Teles.

Contudo, não posso me furtar à transcrição de um excerto de um poema de seu livro publicado em 2000, em Joinville, com o sugestivo título de *Alibis*: "Quando desejo fortemente/ uma mulher iniludível/ ouço primeiro alguns conselhos/ do Opô-rapá-cupú-lopô-! Depois invento um assobio/ sibilino/ pio ou psiu/ logo uma virgem me acompanha/ ao ponto extremo da linguagem.// Do contrário não haveria/ outro lugar para os meus alibis/ nem a mulher irresistível/ se detaria assim num anagrama."

* Salim Miguel é escritor, autor de *NUR na Escuridão* (Topbooks) e recebeu o Troféu Juca Pato em 2002

MIGUEL, Salim. Seo Maneco da feira. *Diário Catarinense*. Florianópolis, 9 de nov. de 2003. Donna DC.

Salim Miguel

64

Se não trabalhasse naquilo que gosta de fazer, aquele conversador infatigável seria um emérito relações públicas

Seo Maneco da Feira

Toda terça-feira pela manhã, há anos, passamos, minha mulher e eu, pela feira livre da Serrinha. Três barracas: na primeira, carne-seca, lingüiça, salame, farinha de mandioca, queijo, feijão; na segunda, pães e bolos, biscoitos salgados e doces, esta mais tentadora para quem precisa fazer dieta; na terceira, legumes, verduras, frutas. É bom jogar conversa fora enquanto minha mulher examina o que levar. Fazemos amizade, não só com os que ali trabalham, mas até com outros fregueses.

Torço para estar equivocado, mas não creio. Ouso afirmar que as feirinhas estão caminhando para o fim. Não só elas: vendolas, vendas, armazéns de secos e molhados, pequenas padarias, pequenas farmácias, cafés onde a gente sentava para pedir um cafezinho e ficar conversando, bares e botequins e mesmo cinemas. Tudo vem sendo engolido pelos supermercados e pelos shoppings. Dizem ser este o progresso. Não sei. Não sou saudosista, mas penso que o tempo de antes, sobre alguns aspectos, era melhor. Shoppings e supermercados são ambientes frios, elitizados. O leitor pode se (e me) perguntar onde fica, em tudo isso, Seo Maneca. Boa pergunta.

Seo Maneca, meia idade, frágil, mais para baixo e magro, trabalha na terceira barraca e é um conversador infatigável. Se não trabalhasse ele no que parece gostar de fazer, seria um emérito relações públicas. Está sempre bem informado, sabendo das coisas, tendo o que contar e, quando não conta o de hoje, fala do de ontem e de suas reminiscências. Os dois jovens que o acompanham são mais tranquilos, não diria menos eficientes.

Mal chego, nosso papo semanal se inicia. Geralmente é ele a me questionar com um "como foi a semana?" e eu, "o possível com o que estamos vendo por toda parte do mundo". Seo Maneca procura me animar, fala de futebol, conta uma historinha, relembra algo de sua trajetória de vida, diz da terrinha que tem e do plantio, informa que

neste ano a banana vai ser prejudicada pelo clima. Porém jamais esquece de falar com orgulho do neto e comentar sua participação no coro, possuidor de boa voz que é.

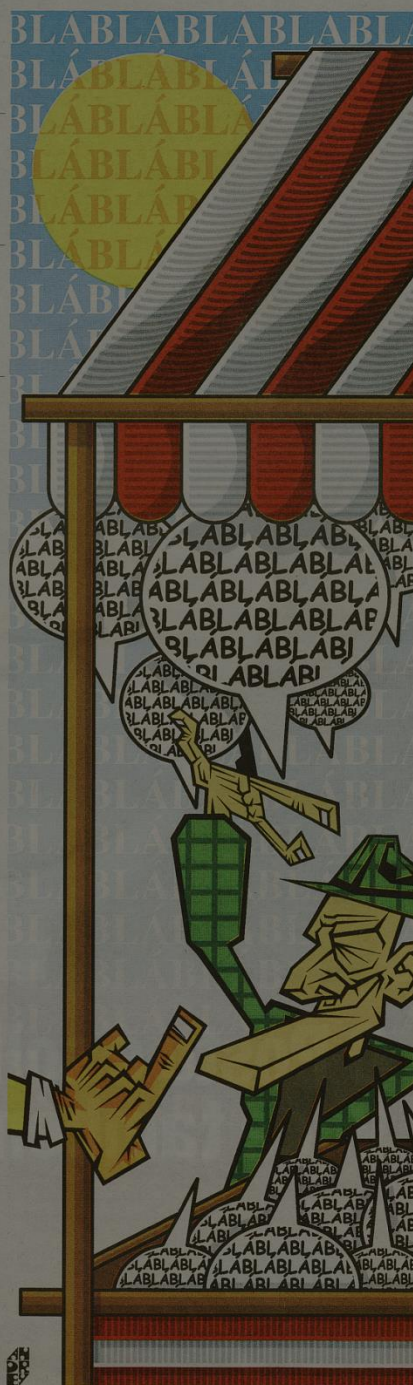
Aproveito a deixa para perguntar se ele concorda que as frutas se apresentam muito mais bonitas do que saborosas. As bananas, por exemplo. E falo que, na minha infância em Biguaçu, o de que mais gostava era da banana-maçã. Hoje, só compro uma penca se Seo Maneca já provou e me garante estar com sabor, tanto que certa vez, brincando, disse-lhe que se não estivesse boa, traria de volta na semana seguinte. Faz pouco, conversávamos quando chegou um freguês e perguntou o que estávamos achando do governo do Lula. Seo Maneca foi rápido: "Vamos dar um tempinho, mas olhe que ninguém quer se cansar esperando" e eu: "Será que teremos um novo Fernando Henrique?"

Não sei a razão, logo falávamos do quadro internacional, do Bush e do Saddam, concordamos em que o mundo precisa de mais homens como Mandela.

Seo Maneca relata historietas e sabe fazê-las muito bem. Eis uma: num distrito do interior, uma senhora estava inchada, o filho saiu em busca do Doutor Machado, quando chegaram à porta da casinha, uma filha chorando, exclamou, "foi-se Doutor, foi-se!". Seo Maneca perguntou se entendêramos que "enchada", "machado", "foice" eram instrumentos de trabalho.

Agora, reproduzo outra que talvez ele conheça: um delegado interrogava dois homens que se haviam desentendido, cada um dava sua versão, insatisfatória. O escrivão sugeriu que fosse chamado o Mané da Jordelina, que assistira à cena. Mané resistiu, relutou, mas acabou contando apressado o que vira, no seu linguajar típico: "Topei dando cuma vara de tocá gado, vou-mi já que tá pingando".

Tanto a historieta do Maneca como a que contei não eram criações nossas, mas do fascinante fabulário popular, que se não for recolhido e preservado, acabará tendo um fim melancólico, como tantas outras coisas nossas.



028 - Revisitando o mestre: Agostinho da Silva

MIGUEL, Salim. Revisitando o mestre: Agostinho da Silva. *Diário Catarinense*. Florianópolis, n. 34, 4 de out., de 2003. DC Cultura.



Cultura

SÁBADO,
4 DE OUTUBRO
DE 2003, Nº 34

Revisitando o mestre: AGOSTINHO DA SILVA

O poeta e professor português foi um dos pioneiros da implantação da Universidade Federal de Santa Catarina

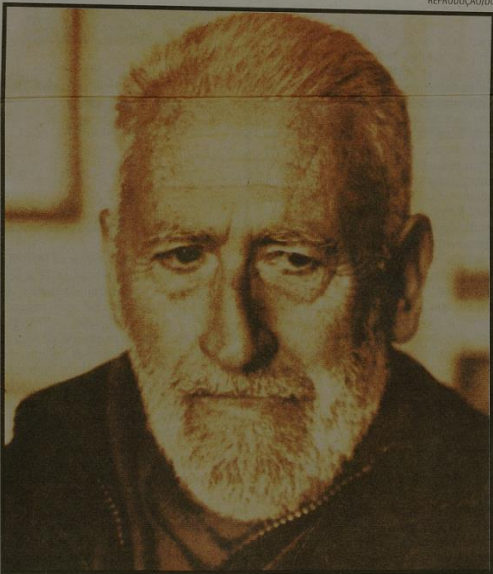
POR SALIM MIGUEL *

Professor, poeta, ficcionista, ensaísta, tradutor, incentivador cultural, propugnando por uma aproximação maior e permanente dos povos de língua portuguesa, Agostinho da Silva dava um recado oxímoramente capaz onde quer que atuasse. Mestre e humanista, marcou fundo todos os que o conheceram, pois sabia se comunicar e sabia viver: tanto motivava seus alunos em aula como prendia o leitor à sua escrita, fosse um poema, um ensaio, uma novela. *Um Fernando Pessoa*, título significativo para o poeta que tinha vários heterônimos, é um ensaio publicado em 1959, pelo Instituto Estadual do Livro, do Rio Grande do Sul. Já antes, em 1956, Agostinho da Silva publicara *Reflexão à margem da Literatura Portuguesa*, edição *Cadernos de Cultura* do Ministério de Educação e Cultura, Rio de Janeiro. Também dos anos 50 é *A Comédia Latina*, seleção e tradução de Plauto e Terêncio, da Editora Globo, Porto Alegre.

Esta (re)visita a Agostinho da Silva surgiu de maneira inesperada. Colecionador compulsivo, não apenas de livros, também de revistas, jornais, recortes, cartas, eu precisei examinar o que fora guardado durante mais de 50 anos. De repente, me deparei com vasto material do professor e anotações que fiz depois de visitá-lo em Lisboa, 1985, intituladas *Do coração e de várias emoções*, que agora reproduzo em parte:

"Entrei, cumprimentei, sentei, pedi 'leve-me à Travessa do Abarracamento de Peniche'. A motorista do táxi me olhou, arrancou, perguntou 'onde mesmo deseja ir?'. Eu repeti. E ela: 'Onde fica mesmo, que eu trabalho mais pra estes lados da cidade'. E eu: 'É perto da rua do Século'. E ela: 'Ah, sim, esta sei, mas o senhor podia ir andando que chegava mais rápido e economizava os escudos'. E eu: 'Só que não conheço Lisboa, e dificilmente chegaria mais ou menos rápido'.

De novo, depois de 26 horas de trem ('comboio' para os portugueses) de Paris até Lisboa, estava eu na capital portuguesa. Preparava-me para retornar ao Brasil.



REPRODUÇÃO/DC

Agostinho da Silva foi professor da Faculdade de Filosofia da UFSC e um dos primeiros colaboradores da revista do Grupo Sul, nos anos 50

Antes da volta, havia amigos a rever, alguns passeios a dar, livrarias e galerias de arte para visitar, livre agora de programação oficial. E, também, não podia deixar de ir até a Feira do Livro, que se inaugurava às vésperas de minha volta.

Enquanto me dirigia ao encontro do professor Agostinho da Silva, e a motorista me fazia as inevitáveis perguntas sobre o Brasil (e o que achava de Portugal), eu relembra os dias passados na Espanha e em Paris, as emoções mais fortes. Fui chamado de volta pela motorista, 'parece-me que esta travessa, como a maioria do bairro, é vedada a táxis'. E eu: 'Não faz mal, deixe-me no ponto mais próximo'. Lá chegando vimos que a Travessa do Abarracamento do Peniche (Agostinho, diante da minha curiosidade, me explicaria pouco depois a procedência do nome, que vinha do grande terremoto de Lisboa) era uma das raras que permitiam passagem de

carros, e logo, logo, eu estava revendo e conversando com Agostinho da Silva. Quase 30 anos nos separavam do último encontro, ele ainda em Florianópolis (viera da Paraíba, mudando-se depois para Brasília, antes do retorno a Portugal. Foi ele), tendo aqui ajudado a implantar a Faculdade de Filosofia, participando ativamente de movimentos culturais, incentivando os mais jovens.

Antes da chegada de Agostinho da Silva a Florianópolis, nós já o conhecíamos de nome (e a seu trabalho), ele havia colaborado com alguns poemas na *Revista SUL*. E então relembramos que, nos cadernos *SUL*, havíamos editado a novela *Macaco-Prego*, que ele assinara com o pseudônimo de Mateus-Maria Guadalupe.

Mais velho? Claro. O tempo não passa impunemente por nós, diria acacianamente o conselheiro Acácio. Mais velho, esclareça-se, fisicamente. Pois intelectualmente (e isto podem comprovar todos os que com Agostinho continuam mantendo contato, um Ernani Bayer ou um Hamilton Savi, do Brasil, um Luiz Amaro ou um Alexandre Cabral, em Portugal) ele continua o mesmo espírito lúcido e inquiridor, de tudo sabendo e de tudo querendo ser melhor informado. Perguntou por velhos e novos amigos, discutimos literatura, arte, cultura, política, a vida, os velhos e os novos tempos, as bruscas viradas que o mundo dá.

Eu sabia que ele tinha uma insuficiência cardíaca. Ao me despedir (não quis demorar muito), perguntei-lhe como conseguiria um táxi. E ele: 'Vou acompanhá-lo até uma rua onde eles passam fáceis'. E eu: 'Mas professor, o senhor vai ter que descer toda esta escada (morra num terceiro andar), caminhar comigo, o senhor precisa descansar, se cuidar. Basta que me indique'. E ele: 'Sei disso, não se preocupe. Depois, veja, durante 80 anos o coração cuidou de mim sem que eu me lembrasse que ele existia, é justo que eu agora cuide dele...'.

* Salim Miguel é escritor, autor de *Nur na Escuridão* (Ed. Topbooks, 1999) e *Eu e as corruínas* (Ed. Insular, 2001), entre outros

MIGUEL, Salim. O embate do Barão. *Diário Catarinense*. Florianópolis, 13 de set. de 2003. DC Cultura.

66

♦ Editor: Dorva Rezende ☎ (48) 216-3590 - e-mail: dorva.rezende@diario.com.br
♦ Diagramação: José Francisco da Silva ☎ (48) 216-3571 - e-mail: chico.silva@diario.com.br

SÁBADO, 13 DE SETEMBRO DE 2003

O embate do BARÃO

Documentário premiado no Catarina Festival lembra o humor político de Apparício Torelly

POR SALIM MIGUEL *

Praticamente ninguém, da nova e da novíssima geração, sabe quem foi Apparício Torelly ou Apporelly ou Barão de Itararé. É uma pena. Eu ia até mesmo retirar o praticamente. Ele foi uma figura de suma importância para a história de nosso país, entre os anos 20 e 60, ao tratar com refinado humor algumas de nossas qualidades e muitas mazelas.

Nascido no Rio Grande do Sul, nos anos 20 foi estudante de Medicina e nos exames orais, o auditório lotava para ouvir suas tiradas. Ao ser perguntado quantos rins temos, Torelly respondia sem titubear: "Quatro". E o professor: "Senhor Torelly, quantos rins temos?" Ele fazia que pensava, virava-se para a assistência em expectativa, repetia: "Quatro, dois do senhor e dois meus".

Em 1926, Apparício Torelly já estava morando no Rio de Janeiro, onde lançou "A Manhã, semanário de ataques... de riso", contraponto de *A Manhã*, o jornal de maior prestígio na época. O sucesso foi imediato. Nessa altura, ele já estava envolvido em atividades políticas; pouco depois filiou-se ao Partido Comunista. Após a vitória da Revolução de 1930, com Getúlio na presidência, Torelly se atribuiu o título nobiliárquico de Barão de Itararé, referência a uma batalha da Revolução que não ocorrera, esclarecendo que se pensara Duque, mas sua modestia o impedira. Daquele momento em diante seria o Barão de Itararé, o Brando, com as várias conotações da palavra.

Após a implantação do Estado Novo, ele, como tantos outros, foi preso. Em *Memórias do Cárcere*, Graciliano Ramos nos dá um impressionante retrato dos porões da Ditadura e nos mostra Torelly, pela "rádio da prisão", tentando melhorar o ânimo dos deprimidos, ali confinados sem saber o futuro que os esperava.

A esta altura, e com carnes de razão, meus possíveis leitores devem estar se perguntando a que vem tudo isto. Explico: fui reencontrar o Barão, na segunda semana de agosto, em Camboriú. Ele, pelas mãos de Emílio Gallo, participou do Catarina Festival de Documentário, da Araucária Produções Artísticas, e merecidamente recebeu o prêmio de melhor vídeo. Agora é esperar que *Entre sem bater, as duas vidas de Apparício Torelly* tenha oportunidade de ser conhecido pelas novas gerações e o Barão seja reconhecido como um de nossos mais importantes humoristas, com forte cunho político. Em suas águas se abebera a maioria dos que o sucederam.

E espero que bem logo tenhamos a segunda parte deste criativo e importante vídeo. A continuação tratará da segunda fase de *A Manhã*, bem como do *Almanhaque*, nos anos 50 e 60, que ele fazia praticamente sozinho, com a colaboração do chargista Guevara.

Apparício Torelly foi vereador pelo Partido Comunista, depois de 1945. Lá, da mesma forma como quando estudante de Medicina, a Câmara de Vereadores lotava para ouvi-lo falar de coisas sérias, fazendo pensar por meio de seu humor.

Uma explicação: tantas as vezes a polícia invadiu seu escritório, arrastando a porta e batendo em tudo,

REPRODUÇÃO

O Barão de Itararé foi companheiro de cárcere de Graciliano Ramos durante o Estado Novo

inclusive no Barão, que ele afixou na entrada o cartaz "entre sem bater."

Não posso concluir sem transcrever algumas frases retiradas do livro *Máximas e Mínimas do Barão*:

"Cada povo tem o governo que merece, mas não é menos verdade que muitos povos não merecem o governo que têm."

"O banco é uma instituição que empresta dinheiro à gente se a gente apresentar provas suficientes de que não precisa de dinheiro."

"O homem que se vende recebe sempre mais do que vale."

"O médico militar é um doutor que examina rigorosamente o soldado para ver se ele está em perfeito estado de saúde para ir morrer no front."

"Pobre quando tira a mão do bolso, tira só os cinco dedos."

"Aquele batedor de carteira costuma dizer, com grande orgulho: Nunca pedi um tostão emprestado a ninguém."

"Queres conhecer o Inácio, coloca-o num palácio."

* Salim Miguel é escritor, autor de *NUR na Escuridão* (Ed. Topbooks), entre outros

A POESIA DE RODOLFO ALONSO

E muito bom reencontrar Rodolfo Alonso em sua *Antologia Pessoa*, edição bilingüe, da Thesaurus, Brasília 2003, traduções de Anderson Braga Horta, José Augusto Seabra e José Jerônimo Rivera.

O livro, súpula da trajetória do poeta, nos permite acompanhá-lo em sua caminhada, buscando dizer sempre mais e melhor. Como todo escritor que se preza, Alonso tem suas preferências, temas que o tocam mais fundo, entre eles o amor, sempre recorrente, tão antigo e ao mesmo tempo tão novo. A preocupação com o fazer literário, o tentar sempre novas formas, levam Rodolfo Alonso a inusitadas maneiras de fazer sua emoção atingir o outro.

Nome dos mais representativos da poesia argentina e mesmo hispano-americana de nossos tempos, ele merece ser mais conhecido entre nós, não apenas por sua arte, também pela tradução de nossos poetas, Drummond, Murilo Mendes, Bandeira, Vinícius, entre outros. De Portugal, mais de uma dezena de nomes: Fernando Pessoa (ele o traduziu para o espanhol antes de Octavio Paz), Antonio Ramos Rosa, Egito Gonçalves, Adolfo Casais Monteiro, Carlos de Oliveira. Sua faina não se limitou à língua portuguesa; contemporâneos italianos e franceses foram também vertidos por ele.

Não tenho como me furtar a uma referência pessoal que me devolve a 1956, número 28 da *Revista Sul*, lá estão seis jovens poetas argentinos, Alonso, um deles. A sucinta nota que acompanhava o poema dizia: "Nació en Buenos Aires en 1934. Ha colaborado en las revistas *Poesía Buenos Aires*, *Euterpé*, *Vigilia*, *Elipse Poemas*, *Clima*. Además en *As Artes y Horizonte* 22 (Brasil) y *L'Esprit des Lettres* (Francia). Publicó *Salud o Nada* (Trayectoria, Bs. Aires, 1954), *Buenos Vientos* (Poesía Buenos Aires, Bs. Aires, 1956). Tiene en preparación, para las ediciones Vigilia, su tercer libro de poemas: *El Jardín de Acimatación*". Pouco depois, o autor me escrevia, pedindo mais exemplares da revista.

Durante anos, em diversos periódicos, li algo da produção de Alonso, mas só em 2001, 45 anos depois, vim a conhecê-lo e tive em mão seus livros. Pelo programa da 9ª Jornada de Literatura de Passo Fundo, fiquei sabendo que Alonso lá estaria; levei xerox da capa da revista e do poema e, naqueles dias, rememoramos o fugaz momento de nosso contato anterior. Só então soube que, em 1969, Drummond fizera a apresentação de um livro dele.

A fortuna crítica de Rodolfo Alonso espelha o quanto é ele admirado por sua poesia como por sua atuação no meio cultural, sua coerência, sensibilidade e coragem; a ele se pode aplicar a frase: nada do que é humano me é estranho.

Disse Drummond: "Uma poesia que não usa as palavras pela sensualidade que desprendem, mas pelo silêncio que concentram: assim é a de Rodolfo Alonso. Poesia que tenta exprimir o máximo de valores no mínimo de matéria vocabular..."

E Antonio Ramos Rosa: "Logo nos primeiros poemas de Rodolfo Alonso se nos depara a vontade de construir um mundo humano e o desafio à adversidade do destino e opacidade do real".

Seu conterrâneo e contemporâneo Raul Gustavo Aguirre, no poema *Canção de Graciosa para Rodolfo Alonso*, afirma em certo trecho: "Por el sueño que sueñas / Por el mar donde cantas // Por la muerte que ignoras / y el amor con que amas".

Transcrevo agora um trecho do poema da *Sul*: "Esta es la vida que admirabas / Esta es la torre, el mar, la furia del paisaje; los abrazos violentos / y obstinados, las dulces consecuencias / Estas es la gran herida que va sorbiendo al mundo // Duermes tranquila / Esa sombra que en las noches te cubre y te acaricia es tu imaginación" (final do poema *La Joven Asesina*).

Como vemos já estava ali o artista que o tempo só fez amadurecer. Vejamos agora um poema da *Antologia Pessoa*: "Realmente / no he venido a la tierra / más que a oír ese canto del viento / entre las altas hojas / y pasar como él." "Realmente / no vengo a la tierra / senão para ouvir esse canto do vento / entre as altas folhas / e passar como ele". (poema *Essa Voz* - trad. José Jerônimo Rivera), (Salim Miguel)

MIGUEL, Salim. Magriela. *Diário Catarinense*. Florianópolis, 12 de out. de 2003. Donna DC.

Salim Miguel

67

Os gatos pode até se apegar às pessoas, porém jamais são submissos. Ao contrário dos cachorros, estes não são bajuladores

Magriela



Praia da Cachoeira do Bom Jesus. Vai para 20 dias. Vinham do banho de mar minha mulher, três netos, uma neta, uma nora, um filho. Eis que se interpõe entre eles um bichinho, feio, miúdo, ágil, magro. Tentam afastá-lo. Em vão, aceleram o passo. Ele também. Recuam. O bichinho idem. Afinal se dão por vencidos, e ele os acompanha até a casa. No dia seguinte já era o dono. Passeava por tudo, sala, copa, cozinha, quartos, meu escritório, investigando os livros, por trás dos discos, um dia se postou em cima da eletrola, por certo insatisfeito com a música que tocava. Todos se apaixonaram por ele, buscaram um nome. E só então se deram conta de que não era ele; era ela. Não sei quem se decidiu por Magriela - e Magriela ficou sendo.

Quando? Quando? Meia-dúzia de dias depois? Um dos netos estava brincando com Magriela em uma das peças da casa, quando a neta se depara com Magriela no jardim. Impossível! Seria um clone? Talvez o bichano (será que já disse que era da família dos gatos de telhado?) rapidamente tivesse se deslocado da peça para o jardim, sem que a primeira criança se tivesse dado conta. Não! Eram mesmo dois, quase do mesmo tamanho, da mesma cor, pretos com pequenas manchas brancas (e aí fiquei sabendo, ignorante em gataria que sou, que enquanto os machos só podem ter duas cores, as gatas, mais vaidosas, ostentam até três). Este não pôde ser também incorporado, tinha dono, o menino Mateus, filho de uma vizinha, mas praticamente se transferiu para a nossa casa.

Sou obrigado, aqui, a interromper este relato partindo para outro paralelo. Gatos fazem parte da família. Minha mulher, Eglê, afirma convictamente que eles têm mais personalidade do que os cães, que logo, apodados "os melhores amigos do homem", se tomam bajuladores. Os gatos até podem se apegar às pessoas, porém jamais são submissos. Quem sou eu para contrariá-la.

Não tenho como falar de todos os que atravessaram nossa vida. Simbolizo-os em dois. Começo pela paradigmática Garota, que ditava regras na casa. Surgiu quando ainda morávamos no Rio de Janeiro, num apartamento na Rua Senador Eusébio, Flamengo. De que maneira não sei. Poderia perguntar pra minha mulher. Prefiro deixar a coisa assim meio solta, evanescente. Surgiu. Se apossou de toda a família. Até eu, meio avesso a bichanos, acabei me entregando. Garota gostava de se postar à janela do apartamento e ficar observando o movimento. Certo dia, num descuido impensável naquele bicho de sete vidas e tão ágil, despencou. Sumiu. Em vão foi procurada. O que teria acontecido? Caíra em outra casa, fora atropelada, se apavorara e sumira. A busca durou dias. Todos já se conformavam, em meio a

choradeiras, quando lá de baixo, de uma garagem em outro prédio, se ouvem miados. Eglê não teve dúvidas: são da Garota. E eu: onde se viu, reconhecer miados! Eram. Foi resgatada. E em 1979, quando retornamos para Florianópolis, lá estava ela no avião nos acompanhando.

Passou a levar uma vida dupla: Verão nesta mesma casa de praia na Cachoeira do Bom Jesus; Inverno no apartamento da Carvoeira. E em ambos logo se adaptou, tão ou mais rapidamente do que nós.

Garota era dada a aventuras, inclusive românticas. Teve vários casos e deixou numerosa prole. Na casa de praia sumia - sumiços rápidos. Mas no apartamento houve um episódio em tudo semelhante ao do Rio: ela despencou da janela, só que aqui nosso apartamento não dava para a rua, esteve dias sumida até que certa noite minha mulher ouviu uns miados e de forma taxativa afirma: "É a Garota!". Desta vez não retruquei nem duvidei. Era.

Eis que certo dia, como vai acontecer com todos os mortais, a velhinha Garota se foi. Está enterrada no fundo do quintal, mas permanece numas fotos e na memória dos que a conheceram.

Antes de retomar minha historinha original, relato rapidamente só um episódio ligado a Karpovinho (claro que o nome é uma referência ao jogador de xadrez Karpov, famosíssimo na época), filho da Garota. Foi ele incorporado à família. Era imenso, todo preto, lustroso, malandro e molenga - e tinha o desprazer de escolher para suas intermináveis dormidas minha barriga, quando eu estava estirado, lendo ou ouvindo música, conversando ou simplesmente pensando.

Em menos de 20 dias, Magriela já não fazia justiça ao nome, engordara, ela e seu clone, que passou a se chamar Magrielo. Os dois circulavam livremente pela casa, minha mulher já pensava num modo de levá-la para o apartamento.

Faz hoje exatamente uma semana fomos, manhãzinha, debaixo de um temporal inigualável, levar nossa neta até o aeroporto. Na volta lá estava Magrielo, insofrido, como quem busca algo. E Magriela, cadê Magriela. Foi procurada, em vão, pela casa, pelos arredores. Até que, num lado da casa, lá estava ela. Morta. Insondável o que pode ter acontecido. Na noite anterior, até quase meia-noite, estivera toda sestro-sa, brincando com seu parceiro ou com as crianças.

Dela não temos fotos. Mas foi enterrada no fundo do quintal, quem sabe próxima da Garota. E por certo a memória de sua passagem tão curta entre nós suprirá as fotos.

Em menos de 20 anos, Magriela já não fazia jus ao nome

22 DONNA DC 12 DE OUTUBRO DE 2003

Diário Catarinense

031 – Voz de passarinho ferido

MIGUEL, Salim. Voz de passarinho ferido. *Diário Catarinense*. Florianópolis, 14 de set. de 2003. Donna DC.

Salim Miguel

O jornalista não esqueceu mais aquela jovem.
Com sua voz por vezes inaudível de passarinho
ferido, determinada, vencia os desafios

Voz de passarinho ferido

Mal soa a campanha o homem se apressa em atender.

- O senhor é... -
- ia começando a jovem.

- Sou eu, sim -
interrompeu-a - Entre.

Ela foi dizendo:

- Boa tarde, desculpe incomodá-lo, mas necessito de sua ajuda.

Tímida, meio constrangida, acomodou-se na beira da poltrona.

O homem repetiu o que já havia dito pela Internet e pelo telefone.

- Sei, sei, mas as pessoas com quem falei garantiram que o senhor possui material valioso para minha pesquisa.

Bem mocinha, altura mediana, mais para magra, ela explicou: estou preparando tese de doutoramento sobre as relações Angola-Brasil e sei da troca de correspondência e que jovens escritores de países africanos de expressão portuguesa colaboraram na *Revista Sul*.

- Em que isto poderá ajudá-la, se sua proposta de trabalho centra-se nos anos 70 e o que tenho sobre apenas os anos 50.

- Ainda assim pra mim é valioso, pois com esse material vou às raízes do intercâmbio, ainda no período colonial.

- Vamos lá - disse o homem - me adiantei e fiz uma seleção do que possuo.

- Se o senhor me permite, sugiro que primeiro a gente converse um pouco.

Ela lhe venceu as últimas resistências. Afinal viera de Bordeaux, na França, para visitar a família, em Santos, de lá se deslocara até Florianópolis e, antes de retornar para a Universidade, ainda iria a Salvador, pesquisar no Núcleo de Estudos Africanos.

A conversa se prolongou e ele, tarimbado jornalista, nessa fase, mais perguntou do que respondeu. A jovem se formara em jornalismo, mas sua vocação era outra. Mesmo sem conseguir bolsa de estudos em Ciências Sociais se



tocou para Bordeaux, cidade menor, de vida mais barata e boa Universidade. Graças a sua pertinácia acabou conseguindo bolsa, tinha até 2005 para concluir sua tese.

Empolgada com o assunto, temia que o tempo fosse escasso, pois o projeto se ampliara, abrangendo o período de 1950 a 1990. O material da *Revista SUL* muito poderia ajudá-la.

Saiu levando toda a correspondência, não apenas dos escritores angolanos, mas também moçambicanos.

Voltou dois dias depois, pela manhã. Para que a jovem não fosse embora sem conhecer nada de Florianópolis, além do Albergue da Juventude e da casa do jornalista, foi levada para almoçar na Lagoa da Conceição. Mas enquanto o casal e uma amiga se esforçavam em fazê-la se interessar pela beleza natural, a jovem, persistia nas perguntas.

Durante o resto da tarde até o anoitecer, ela ia perguntando e anotando. Tentava entender porque Florianópolis tinha sido, no Brasil, por anos a fio, o ponto de contato com aqueles escritores e se não seria mais lógico Salvador, de mais fundas raízes com a África. A única resposta possível é que isso se devia ao imponderável.

À época, a ditadura salazarista era violenta e o Brasil passava por um momento de liberdade; textos que não tinham como ser publicados nos países africanos, nem em Portugal, encontravam guarida na revista dos jovens catarinenses. Deste modo, atingiam leitores de outras partes do mundo, além de países africanos e Portugal.

O jornalista, além de rememorar sua juventude, não esqueceu mais aquela jovem que, com sua voz por vezes inaudível de passarinho ferido, determinada, vencia desafios.

Agora, é esperar e torcer para que sua tese consiga ampliar as relações tão tênues entre o Brasil e os países africanos de fala portuguesa.

Para Juliana Santili

032 – Viajando sem sair de casa

MIGUEL, Salim. Viajando sem sair de casa. *Diário Catarinense*. Florianópolis, 17 de ago. de 2003. Donna DC.

Salim Miguel

Para Ulisses da Ilha, a maior viagem que fizera tinha sido da casa até o Correio, mas conhecia praticamente o mundo todo

Viajando sem sair de casa

Não era o Ulisses de Homero, cujo retorno ao lar foi pleno de aventura e emoção, nem o Leopold-Ulisses do Joyce, em intermináveis viagens por sua Dublin. Era o Ulisses da Ilha, a maior viagem que fizera tinha sido de sua casa na Agrônômica até o Correio, na Praça XV. No entanto, conhecia praticamente o mundo todo.

Dia sim dia não, pela manhã ou à noite, percorria as livrarias e nem necessitava pronunciar a mesma frase, temos novidades?

Toda semana, todo mês, todo ano (durante muitos), o homem se postava primeiro em frente à livraria Anita Garibaldi (a mesma que foi queimada em 1964, durante o golpe militar), esperando que a porta fosse aberta. Visitava, também, com igual regularidade as outras: Moderna, Record, Rosa.

Enquanto ia percorrendo as estantes, não se cansava de repetir a mesma frase. A resposta, em geral, era um sinal negativo com a cabeça, mas o homem não se dava por satisfeito. Retirava da prateleira um livro já examinado à exaustão, ia folheando-o minuciosamente página a página em busca de fotos, ilustrações, gravuras.

Durante os anos 50, ao contrário dos dias atuais, eram numerosos os jornais, até mesmo em Florianópolis;



lis; ele jamais foi visto folheando um único. Sua paixão era, nesta ordem, álbum, livro, revista.

Sabia tudo, quase, a respeito de monumentos, museus, antiguidades, sítios históricos, peculiaridades desta ou daquela região. Discorria sobre Baalbek como se lá tivesse vivido nos tempos áureos ou acabado de chegar indagorinha das ruínas. Falava dos setecentos quartos, das dezenas de salas e salões de Versalhes, dos monumentos inumeráveis que cobriam vastíssimas áreas e de como, para não perder de vista tais fantásticas construções, Luiz XIV, o rei Sol, havia modificado a posição das árvores. Conhecer o Coliseu era fichinha para ele, o mesmo no que se refere ao Partenon, às ruínas Maias, às pirâmides do Egito, à Roma dos papas. Nos fins de semana,

em sua casa, abria dois álbuns, debruçava-se sobre o Sena e o Tejo e passava horas viajando por aquelas águas de Paris e de Lisboa. Encostado ao balcão da livraria, discorria com igual sabença sobre as cidades históricas mineiras, os Sete Povos das Missões, o Cristo Redentor.

Embora dominasse apenas o português, nosso Ulisses que jamais saíra de sua Ilha, talvez nem tivesse atravessado a ponte Hercílio Luz, segundo ele construída em 1926, o nome uma homenagem a seu idealizador que morrera antes de vê-la concluída, mas viria uma maquete perfeitamente igual; a frase já vai longa, o fundamental é dizer que Ulisses apenas sabia português, contudo, desde que existissem fotos ou gravuras ou ilustrações, ia comprando ou encomendando, mesmo

com sacrifício de outros itens, tudo retirado de seu modesto salário de funcionário dos Correios.

Certa ocasião, outro frequentador assíduo de livrarias, provocou-o: certamente conheces a Igreja, o casarão e o aqueduto de São Miguel, ali depois de Biguaçu; a resposta foi a esperada, com um taxativo: claro, tenho tudo isto num livrinho.

De repente, um dia a surpresa, Ulisses se decidira, tinha férias, ia acompanhar um grupo que alugara um ônibus e durante vinte dias viajariam por cidades históricas, a primeira parada em Tiradentes, destino final, Salvador. Nem foi surpresa vê-lo, em menos de uma semana, de novo na Ilha. E logo Ulisses apareceu na livraria com a mesma pergunta de sempre, temos novidades? Sem que lhe perguntassem, foi logo esclarecendo, não dá, não dá mesmo, coisa antiga é pra se ver em álbum, em revista, aí adquira vida por si só, nem há necessidade de legenda. Por isso, em lugar de ir até a Ponte Hercílio Luz, prefiro uma boa fotografia dela. Da mesma forma, de Tiradentes, prefiro, também, ver as esculturas do Alejandrinho nos três álbuns que possuo. E, para se livrar dos gozadores, adotou como lema de vida um velho brocardo português, com duas brevíssimas modificações. Dizia o brocardo: boa romaria faz quem em casa fica em paz. Para ele ficou sendo: boa viagem faz quem em casa vê em paz.

de 01 a 31 de agosto
Horário: 21:00
Sessões: Sex, Sab e Dom

Sua conta da Brasil Telecom vale 50% de desconto na compra do ingresso

Brasil Telecom apresenta

Teatro da UBRO centro
Fone: 222-0529

DIAS FEMEA

Escadaria da Rua Pedro Soares
(Entre as ruas Artista Bittencourt e Anita Garibaldi)

Verão

Novo Variedades Viagem DC, todas as quartas-feiras.

033 – Diálogo – 1

MIGUEL, Salim. Diálogo – 1. Diário Catarinense. Florianópolis, 20 de jul. de 2003. Donna DC.

Salim Miguel

Bicentenário, viu a figueira crescer envelhecendo, sombra acolhedora, agora apoiada em bengalas

Diálogo-1

A...

Oi, cara.
- Oi.

a.. Tudo nos conformes?
b.. Tudo?
- Tás bem?

a.. Tou.

b.. Não parece.
c.. Parece.
d.. Nem perguntas como tou.
e.. Sei.
f.. Te alembra do antonte?
g.. Alembro.
h.. Do ontem?
i.. Idem.
j.. E do trasantonte?
k.. Também.
l.. E do amanhã?
m.. Sei não, o amanhã é o amanhã.
n.. Monossilábico, hein-hein...
o.. Pudera.
p.. Me explica.
q.. Explico; o velhinho ali, estátua de pedra, no banco de cimento, memória da ilha.
r.. Tou vendo.
s.. Bicentenário, viu a figueira crescer envelhecendo, sombra acolhedora, agora apoiada em bengalas, vendo a cidade se expandir, desordenadamente, os problemas se acumulando. Cadê a tranquilidade, cadê a magia, cadê as bruxas, cadê o fascínio, cadê o misterioso mistério, cadê o paraíso?
- Percebo. Lamento.

a.. Só isto?
b.. Só. Lutar, luto; mas o passado é passado.

c.. Porra, manezinho de merda.
d.. Gostei.
e.. Do quê? Me diz.
- Do manezinho voltando à origem, sua raiz primeira.

- Ainda bem.

- Bem..

- Polissilabaste.

- Tinha que, tínhamos que...

- Tínhamos?

- Abomino esta apropriação indébita.

- Indébita como?

- No de antes, manezinho era depreciativo.

- Agora...

- Galardão. Honraria.

a.. Te cuida.
b.. Cuidar?
c.. Sim, não estás-estamos também indebitamente nos apropriando?
d.. Desentendo.
e.. Nomes não dou. Busca, te interroga, descobre.
f.. Enigmas...
g.. Te falo de Espelhos e Labirintos. Sacaste?
h.. Talvez.
i.. Só talvez?
j.. Puxa, sem demora me alembra dos tais trezentos, trezentos e cinquenta que podemos ser.
k.. Nem tantos. Só deste jeito voltas a ser polissilábico.
l.. Me provocas?

m.. Te questiono, constamos.
n.. Sempre.
o.. Sempre, des os tempos d'antanho, dos carijó e dos meimbipenses.
p.. Basta.
q.. Tá bem.
r.. Vou-vamos deixar a sombra acolhedora, o velhíssimo velhinho na sua.
s.. Pra onde?
t.. Tumentendes! Tomar um cafezinho no Ponto Chic.
u.. Um?
v.. UM.
w.. Impossível, cadê o Ponto Chic? Já era.
x.. Tomamos um café intemporal, com ele ninguém acaba.
y.. Bem sacado.
z.. Por vezes acerto uma.
aa.. Acertamos
ab.. Vamos?
ac.. Vamos!
FUI.FOMOS.

22 DONNA DC 20 DE JULHO DE 2003

Diário Catarinense

MIGUEL, Salim. Na sala escura. *Diário Catarinense*. Florianópolis, 29 de junho de 2003. Donna DC.

Salim Miguel

O "mal" de quem se torna cinéfilo inveterado é que se perde a ingenuidade e a inocência de um espectador comum

Na sala escura

O convite para assistir à estréia de *O santo mágico*, roteiro e direção de Ronaldo dos Anjos, sobre um conto homônimo de Harry Laus, me fez, como num passe de mágica, recuar até o mais distante passado. Biguaçu, início dos anos 30. Um homem sai pelas ruas, com um alto-falante, avisando: "Hoje às oito da noite, sensacional apresentação, na sala térrea do casarão Born, de um filme espetacular! Leve a família, preços populares, crianças até 10 anos, acompanhadas, não pagam."

Fui. Convençei meus pais a me darem uns trocados para o ingresso. Era um faroeste classe B, com Buck Jones ou Tim Holt, onde acontecia de tudo. Só faltou o espectador indignado dar um tiro no bandidão, que tentava seqüestrar a mocinha e a cadela avançar latindo no momento em que o cachorro do mocinho desfilava garboso, num primeiro plano.

O filme devia ser dos primórdios do cinema falado, a música canhesta, viam-se mais ríscas na película do que cenas; inquietas, as pessoas arrastavam as cadeiras, tentando enxergar um pouco melhor; como só havia um projetor, as interrupções eram freqüentes para a troca de rolo; embora a reclamação fosse geral, ninguém ia embora.

Meu fascínio pela sétima arte foi total e permanece até hoje. Só em 1943, com a mudança para Florianópolis, consegui apagar minha fome. Ficava dividido entre comprar um livro e assistir a filmes. Ao contrário de hoje, em que só temos cinema no shopping e o quarentão cineclube do Gilberto, era o tempo do Ritz, Odeon, Roxi (com os inesquecíveis seriados), do São José, do Carlitos e do cinema do Estreito, perto do quartel do Exército. A decisão foi difícil, porém lógica: para os livros eu tinha a Biblioteca Pública e os amigos, aos quais não cansava de aporrinhar pedindo livros rapidamente devorados.

Insatisfeitos com a programação, em 1949, jovens que se tornariam conhecidos como Grupo Sul criamos o primeiro Cineclube da Capital. O filme de estréia foi *O Idiota*, baseado no romance de Dostoiévski, com Gérard Philippe, dirigido por George Lampin, de quem jamais encontrei outro filme.

Anos atrás, eu já havia recuado no tempo assistindo ao *Cine Paradiso*, de Giuseppe Tornatore, só que no caso havia uma pequena diferença: a "sala escura" era a praça de uma vila à noite.

O "mal" de quem se torna cinéfilo inveterado



ou chega a lidar com cinema é que perde a ingenuidade e a inocência do espectador comum, passa a se preocupar com detalhes técnicos, questionando o roteiro, a direção, a montagem, a fotografia, os atores, discutindo se tal cena ficaria melhor dessa ou daquela maneira, com isso prejudicando a fruição.

Tenho sugerido a cinéfilos amigos, entre eles Tércio da Gama, Adolfo Boos Jr., Jair Hamms, Walmor Cardoso da Silva, Flávio José Cardozo, Martinelli, Silveira de Souza, Gilberto Gerlach, Iaponan Soares, Darcy Costa e à Eglé que listássemos, não filmes, mas cenas por nós consideradas antológicas. Quem consegue esquecer o carrinho com a criança deslizando pela escadaria de *Odesa*, em *O encouraçado Potenquim*, de Eisenstein... Ou o final de *O Tesouro de Sierra Madre*, de John Houston, a fortuna sendo dispersada pelo vendaval... Ou o fantasmagórico navio sumindo no *E la nave va*, de Fellini... Ou a palavra Rosebud nos destroços de um brinquedo de infância, em *Cidadão Kane*, de Orson Welles... Nosso cinema também produziu cenas marcantes: a agonizante cachorra Baleia sonhando com um mundo de gordos préas, em *Vidas secas* de Graciliano Ramos-Nelson Pereira dos Santos... E aqui da gente mesmo, no *O preço da ilusão*, o menino em cima da ponte Hercílio Luz, apavorado com o carro que avança sobre ele, vindo sumir em meio o vento e a chuva o dinheiro com o qual compraria o remédio para a mãe doente... Ou a mistura de leite e

sangue, no final de *Manhã*, de Zeca Pires, sobre poema de Drummond.

Se tivesse de escolher só duas cenas seriam: Hedy Lamar, no esplendor de sua juventude e beleza, esperando o marido depositar na mesa de cabeceira seus miúdos objetos, enquanto ansiosa a fêmea espera pelo macho. O filme é *Êxtase*, de Gustav Machaty, e a cena dura uns 30 segundos, mas para a personagem e o espectador parece durar horas. A outra é de *Monsieur Verdoux*, de Chaplin: Verdoux está saindo de casa, elegante, meditativo, cabeça baixa, como quem rememora. Ao ver que vai pisar num minúsculo inseto, delicadamente afasta o pé a fim de salvar o bichinho; a câmara, que estava numa posição baixa, se eleva e vemos a fumaça saindo de uma chaminé; o corpo da mulher que ele matara se transformando em cinza e fumaça. Este filme tem outra cena magistral, Verdoux é condenado à morte; a uma pergunta do juiz responde que matar uma velhinha solitária, depois de lhe ter dado dias de felicidade, é considerado crime, mas um oficial responsável pela morte de milhares de subordinados e inimigos, além de civis, é condecorado.

Concluindo, acrescento uma cena de hoje, que infelizmente não é ficção: o caubói Bush, no navio de guerra, declarando ter derrubado o regime do ex-aliado Saddam, o Mal, como se nada significasse a morte dos soldados americanos, dos inimigos e dos civis.

Diário Catarinense

035 – Uma plantação de lagartos

MIGUEL, Salim. Uma plantação de lagartos. *Diário Catarinense*. Florianópolis, 1 de jun. de 2003. Donna DC.

Salim Miguel

As companhias inusitadas que completam
uma rotina nada monótona dos dias
ensolarados em Cachoeira do Bom Jesus

Uma plantação de lagartos

E stávamos retornando da longa caminhada diária pela praia e do refrescante banho de mar; o neto dorminhoco, já de calção de banho terminava o café da manhã, saiu, voltou, disse, olhem-olhem. Olhamos. Um lagarto adulto, na verdade um lagartão, brotava da cerca viva de hibiscos, nesta época pontilhadas de flores vermelhas e amarelas; ressaabiado com aqueles animais estranhos, desta primeira vez não se demorou.

Passaram-se alguns dias antes que reaparecesse, nem era bem ele, mas alguém da família, mais jovem e audacioso e, com audácia ou imprevidência nos fixou provocativo antes de lentamente se escafecer. Mais dias se passaram e, embora continuássemos atentos, não voltamos a enxergá-los. Os dias ensolarados, as caminhadas continuavam numa rotina que nada tinha de monótona, pelo contrário, era quase sempre surpreendente pela fauna variada, que circulava pela extensa faixa de praia, sempre a mesma com denominações diferentes, sendo a nossa a Cachoeira do Bom Jesus. Em boa parte eram figurinhas carimbadas, que se repetiam entravava ano sala ano. Mas havia também os que surgiam para nunca mais reaparecer, e ainda alguns animais, raros cavalos, soltos ou montados, rarríssimos gatos disputando peixe com as gaivotas, muitos cães. De pouco adiantava reclamar para os órgãos públicos, jamais se viu por ali uma carrocinha, viam-se, sim, muitas placas com dizeres em caixa alta PROIBIDO CACHORRO NA PRAIA, infelizmente todos eram analfabetos.

Certo meio-dia, o calorão inelmente estorricando tudo, foi a nora



que viu dois lagartos, o lagartão e o adolescente que havia perdido o rabo, lagarteando num canteirinho com alguns pés de tomate, espinafre, salsa, alfavaca e hortelã. No dia seguinte estavam de novo visíveis sob umas bananeiras, com um filhotinho rajado de verde.

Minha mulher que gosta de animais, embora sua preferência fosse por gatos e eles pareciam saber disso, pois mal chegávamos à casa da praia, ei-los, iam surgindo e se aco-

modando, resolveu alimentar e amansar os lagartos - se é que a expressão amansar cabe aqui, pois eles passaram a aparecer praticamente todos os dias, ora um ora outros, por vezes todos e nós acompanhávamos o passar do tempo pelo crescimento do rabo do adolescente do filhotinho.

Além do neto, de parentes e amigos, tínhamos agora a companhia de uma neta, já mocinha, que depois da praia gostava de tomar sol

estendida numa esteira na grama do jardim. Uma tarde, o grito agudo nos tirou do sestar. Acorremos a tempo de ver o lagartão sumir na cerca viva. Trêmula, assustada, a neta balbuciou num meio choro: "Eu estava de olhos fechados, senti aquelas lambidelas no rosto, abri os olhos era aquele bicho!" Procuramos acalmá-la e o neto, que andava metido em diferentes leituras, brincou: "Vai ver é um príncipe encantado querendo um beijo para desfazer o feitiço."

Em vários pontos do terreno que rodeava a casa, restos de comida iam sendo deixados por minha mulher. Logo sumiam. Quando nada sobrava do café da manhã, do almoço ou do jantarado, os lagartos se postavam em fileira, parecendo reclamar. Já nem sabíamos ao certo quantos eram, se os mesmos ou outros, pois nunca me preocupe em saber qual a duração da vida de um lagarto. O que nós tínhamos desde que a casa fora erguida, fazia mais de 20 anos, eram as lagartixas, para mim sempre as mesmas, que se refugiavam nos escaninhos por trás dos móveis, e muito nos ajudavam na luta contra os abomináveis mosquitos, seu acepipe preferido. Mas será que além da semelhança dos nomes existe alguma aproximação genética entre as lagartixas e os lagartos? Por certo, sim. Vezes sem conta pensei ir a uma enciclopédia ou um dicionário, mas uma das vantagens da vida praiana é a preguiça, o deixa-para-lá tomando conta do nosso corpo, do nosso espírito, da nossa vontade, do nosso dia-dia.

Agora os lagartos se multiplicam, tomam conta de tudo e nos dominam. Felizmente, como minha mulher tratara bem deles e os alimentara, estamos vivendo em paz e harmonia e eles nos dão bocadinhos de comida.

MIGUEL, Salim. Livros em chamas. *Diário Catarinense*. Florianópolis, Florianópolis, 02 de abr. 2005. DC Cultura, Literatura.

14
DC CULTURA
SÁBADO, 2/04/2005

LITERATURA
46

Livros em CHAMAS

Um dos contos da obra inédita *O sabor da fome* que o escritor catarinense deve lançar no segundo semestre

POR SALIM MIGUEL *

Mais de 40 anos se passaram e ainda que me esforce não consigo esquecer e um fato recente fez com que tudo me parecesse estar acontecendo agora. Eu mal chegara de mais uma espinhosa missão, desta vez nos cafundós do Rio Grande, onde me infiltrara no Grupo dos 11. Logo fui chamado, pronta minha nova identidade, instruções pra serem decoradas e destruídas, boa quantidade em dinheiro, eu nada podia dizer pros meus pais, tinha quatro dias para chegar a Florianópolis. Me hospedei num hotelzinho, dessa vez eu era um inspetor de vendas, não vendia coisa alguma, porém conversava e ia fazendo perguntas, tentando colher informações, posteriormente transmitidas em código pelo correio, para uma firma fictícia. Os civis e militares que preparavam a Revolução queriam saber qual era a situação no Estado, tinham conhecimento de que o governador Celso Ramos, de Santa Catarina, veladamente dera apoio a Brizola quando Jânio renunciou, e não aceitavam a posse de Jango. No governo de Celso Ramos parecia haver de tudo um pouco, da extrema direita até gente de esquerda.

Naquela época, Florianópolis era uma cidadezinha acomodada, mas não escapara à efervescência política, grupos das mais diferentes tendências se digladiavam. O general Assis Brasil, chefe da Casa Militar de Jango, afirmava categoricamente ter tudo sob controle, sem atentar para o que estava sendo armado.

Minha missão era simples, eu até me sentia meio frustrado, andar pelas casas comerciais bisbilhotando quais produtos se vendiam mais, embora fosse outra a informação que eu desejava colher, tomar um chope no Miramar, atento às conversas, ir às reuniões dos estudantes, lá sim, sempre captava algo aproveitável, não nos inflamados discursos, mas nas conversas paralelas, pois nisso eu era mestre. Profissional tarinhado, tinha feito estágio na CIA e, francamente, não entendia o motivo de meu deslocamento, me

considerava mais útil em Minas, São Paulo, Rio ou Pernambuco.

Caso fosse imprescindível, em Florianópolis, embora o comando militar fosse do 5º Distrito Naval, eu só podia procurar uma pessoa, que tinha recebido o meu código, o secretário de segurança Pública.

A memória tem uns lapsos inexplicáveis, não é que ia esquecendo fato importante, que acabou por mudar o rumo de minha vida, poxa, como é que ia me esquecendo da Livraria Anita Garibaldi, que passei a frequentar mal cheguei à cidade; trazia recomendação expressa, era um reduto dos comunistas, da esquerda intelectual, de políticos, estudantes, operários, lugarejinhos acanhado no tamanho mas fervilhante de agito. Tornei-me logo conhecido, eram na maioria uns ingênuos de boa fé, diziam rediziam "tamos indo pro poder, vem aí a reforma agrária,

acaba o êxodo rural, a fome, as favelas" e por aí iam, eu incentivando, eles encontrando em mim um fiel companheiro de luta para a vitória do proletariado. Eu estava de saco cheio, cansado de ouvir essa conversa.

Agora, o mais estranho e, por mais que tente, jamais consegui esclarecer; veio a vitória, eu tudo relatava: as prisões, o papel do 5º Distrito Naval e do Exército, a posição do governo do Estado, os diferentes lugares de prisão, as lavas de prisioneiros não apenas da capital; sempre à espera de uma senha que me levasse para o centro dos acontecimentos.

Então o inesperado: certo entardecer estou saindo do hotel, passo pela Rua Conselheiro Mafra em direção da Praça XV, vejo um grupinho arrombando a porta da livraria, alguns histéricos berrando "venham, venham, juntem-se a

nós, fogo neste lixo subversivo", incentivavam até agressivamente os passantes: "por que só olham, por que não nos ajudam?" Não demora chamas se alteiam, mais livros são lançados na fogueira, e os cabeças proclamam: "derrotamos os traidores da Pátria, de Deus, da Família", as chamas se elevam, quase atingindo as altas árvores, a fumaça se espalha por todo o jardim, atingindo o Miramar e o Palácio do Governo, empurrada por uma leve aragem. Mais gente chega enquanto, temerosos, muitos se afastam correndo. Para surpresa minha, eu me senti desconfortável, nem eu mesmo entendia o motivo. A polícia isolara o local, dando tranqüilidade aos incendiários; percebo um dos líderes me fixando, cochicha, outro me observa e abana a cabeça. Recuo, me afasto, mas não vou para o hotel.

Durante dois dias me escondi, mas embora tarimbado, acabei me "entregando", quer dizer, imaginei que já houvessem me esquecido, fui até o hotel, para juntar o que estava lá, pagar a conta e, mesmo sem autorização, sair da cidade. Um sexto sentido me preveniu, num momento de inspiração entreguei à gerente, com quem me relacionara bem, mala contendo meus objetos pessoais e boa quantidade de dinheiro. Foi minha sorte. Mal deixei o hotel, a algumas quadras dali fui preso, encaminhado para a Penitenciária do Estado, onde já se encontravam dezenas de presos, lá permaneci uns 40 dias. Nos primeiros 30, estávamos todos incomunicáveis e havia uma atmosfera pesada, de suspeição, todos imaginando que pudesse haver algum tira infiltrado. Boatos pululavam: os presos iam ser mandados para a Fortaleza de Anhatomirim, iam ficar confinados num navio, iam ser mandados para o Rio de Janeiro. As conversas eram sucintas, a cada manhã e tarde aparecia um oficial para saber como iam os detidos para averiguação, denominação formal para toda aquela gente, alguns nem sabendo o motivo da detenção. Eu tentara, inutilmente, conversar com um dos oficiais, mas fora inútil. O motivo da minha prisão tinha sido a presença nos comícios da estudantada e a participação nos acalorados debates na livraria Anita Garibaldi. Por certo um dos queimadores de livros andara me observando e me denunciara como subversivo. Eu estava preso e não podia sequer imaginar por quanto tempo. Minha única saída era fazer chegar ao secretário de Segurança o meu código.

Mal suspensa a incomunicabilidade, apareceu para me visitar a gerente do hotel, preocupada, pois na cidade fervilhante de boatos, os queimadores de livros espalhavam que eu era um elemento perigoso. Na conversa afirmei ser um simples inspetor de vendas e a gerente não tinha motivos para duvidar. Pedi-lhe que, na próxima visita, me trouxesse cuecas, camisas, uma calça mais grossa e um póver, pois se aproximava o inverno e também uma razoável quantia do dinheiro que estava na mala.

Índice por ano

2003	MIGUEL, Salim. Diversidade e Unidade. Diário Catarinense . Florianópolis, 22 de nov. de 2003. Donna DC	026
	MIGUEL, Salim. Seo Maneco Da Feira. Diário Catarinense . Florianópolis, 9 de nov. de 2003. Donna DC	027
	MIGUEL, Salim. Revisitando o mestre: Agostinho da Silva. Diário Catarinense . Florianópolis, n. 34, 4 de out., de 2003. DC Cultura	028
	MIGUEL, Salim. O embate do Barão. Diário Catarinense . Florianópolis, 13 de set. de 2003. DC Cultura	029
	MIGUEL, Salim. Magriela. Diário Catarinense . Florianópolis, 12 de out. de 2003. Donna DC	030
	MIGUEL, Salim. Voz de passarinho ferido. Diário Catarinense . Florianópolis, 14 de set. de 2003. Donna DC.	031
	MIGUEL, Salim. Viajando sem sair de casa. Diário Catarinense . Florianópolis, 17 de ago. de 2003. Donna DC	032
	MIGUEL, Salim. Diálogo – 1. Diário Catarinense . Florianópolis, 20 de jul. de 2003. Donna DC	033
	MIGUEL, Salim. Na sala escura. Diário Catarinense . Florianópolis, 29 de junho de 2003. Donna DC.	034
	MIGUEL, Salim. Uma plantação de lagartos. Diário Catarinense . Florianópolis, 1 de jun. de 2003. Donna DC	035
2004	MIGUEL, Salim. De como não recebi R\$ 22 mil. Diário Catarinense . Florianópolis, 15 ago. de 2004. Dona DC.	013
	MIGUEL, Salim. Um encontro na antiga Capital Federal. Diário Catarinense . Florianópolis, 17 jul. de 2004. DC Cultura, literatura.	014
	MIGUEL, Salim. Recordando Jorge Medauar. Diário Catarinense . Florianópolis, 26 jun. de 2004. DC Cultura	015
	MIGUEL, Salim. O amigo de todas as horas. Diário Catarinense . Florianópolis, n.56, 6 mar. de 2004. DC Cultura.	016
	MIGUEL, Salim. Outra coincidência. Diário Catarinense . Florianópolis, 18 jul. de 2004. Donna DC, livro.	017
	MIGUEL, Salim. Coincidências. Diário Catarinense . Florianópolis, 20 jun. de 2004. Donna DC.	018
	MIGUEL, Salim. Um menino. Diário Catarinense . Florianópolis, 23 maio de 2004. Donna DC	019
	MIGUEL, Salim. O passado presente. Diário Catarinense . Florianópolis, 25 de abr. de 2004. Donna DC	020
	MIGUEL, Salim. Aluga-se uma árvore. Diário Catarinense . Florianópolis, 29 de fev. de 2004. Donna DC.	021
	MIGUEL, Salim. A diaba da diabete. Diário Catarinense . Florianópolis, 1 de fev. de 2004. Donna DC.	022
	MIGUEL, Salim. Pinóquio em nova jogada. Diário Catarinense . Florianópolis, 4 de jan. de 2004. Donna DC.	023
	MIGUEL, Salim. Quarenta anos depois. Diário Catarinense . Florianópolis,	024

	28 de mar. de 2004. Donna DC.	
	MIGUEL, Salim. Diálogo (11). Diário Catarinense . Florianópolis, 7 de dez. de 2004. Donna DC	025
2005	MIGUEL, Salim. Indagações sobre o mundo. Diário Catarinense . Florianópolis, 02 jul. de 2005. DC Cultura	010
	MIGUEL, Salim. Nova bibliografia Machadiana. Diário Catarinense . Florianópolis, 23 jul. de 2005. DC Cultura	011
	MIGUEL, Salim. Não tá certo. Diário Catarinense . Florianópolis, 24 e 25 dez. de 2005. Cultura.	012
	MIGUEL, Salim. Livros em chamadas. Diário Catarinense . Florianópolis, Florianópolis, 02 de abr. 2005. DC Cultura, Literatura.	036
2006	MIGUEL, Salim. Carpeaux revisitado. Diário Catarinense . n. 171, 20 de maio de 2006.	008
	MIGUEL, Salim. O livro procura o seu dono. Diário Catarinense . N.176, 20 de junho de 2006. Cultura.	009
2008	MIGUEL, Salim. A Literatura em revista. Diário Catarinense . 02 ago.2008	004
	MIGUEL, Salim. Sobre a exposição do Zé Maria. Diário Catarinense . N. 293, 20 set. de 2008, Cultura	005
	MIGUEL, Salim. Tragicômico retrato dos filhos de Angola. Diário Catarinense . n. 301, 15 nov. de 2008. Cultura	006
	MIGUEL, Salim. Machadinho à mão cheia. Diário Catarinense . 6 dez.2008. Cultura.	007
2009	MIGUEL, Salim. Não oiça o Oi. Diário Catarinense . 30 dez. de 2009	001
	MIGUEL, Salim. Cultura e sensibilidade. Diário Catarinense . 5 de fev. 2009	002
	MIGUEL, Salim. Ricos e famosos. Diário Catarinense . 26 fev.2009	003